

Luzú

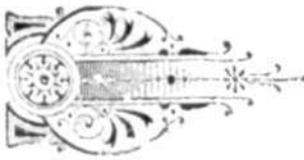
A PILHERIA

ANNO VII

RECIFE, 6 DE NOVEMBRO DE 1926

NUMERO 267



Alta 
Elegancia

no calçar,
obterá V. Excia,
comprando na

Casa Excelsior

ENIGMA

A marca super-fina
Lindas novidades para o verão de 1926

Livramento 53

Phone 2568

Hymno á Palmeira

A palmeira é a mais bella das arvores. Nossos poetas, poetas de todos os tempos sempre a cantaram, sempre a exaltaram. Assim que Salomão viu a Sulamita, foi na palmeira que pensou.

De onde lhe vem essa belleza? Ella é a das cousas inúteis — mas cuja inutilidade é consagrada a sonhos nobres e elevados.

A palmeira é o symbolo dos pensadores desinteressados e altivos. As outras arvores assim que brotam do chão, dão-se pressa em bracejar as suas folhas em torno; são accessíveis a todas as mãos; mendigam a luz, atirando seus galhos em todas as direcções, torcendo caules, estendendo seus ramos por entre os ramos das outras arvores.

A palmeira, não! Ella se levanta, firme e direita, e mais alto que lhe é possível, e é só na extremidade do tronco que abre suas palmas. Acima dellas, ha ainda a lança verde das folhas não abertas, apontando para o céu e parecendo gritar: "Nós subiremos! Nós subiremos mais ainda!".

A prudencia das outras arvores deve murmurar baixinho: "Para que subir? Quanto mais se sobe, mais se fica solitario!"

Mas a solidão não amedronta a palmeira. A unica cousa que lhe faz medo é a baixeza. — E a gente admira o seu esforço desesperado para evitar tudo o que rasteja á flor da terra, tudo o que é pequeno e mesquinho.

A palmeira é a mais bella das arvores.

Ella diz o que nós devemos fazer com as tradições: conservá-las, mas não nos immobilisarmos, fitando-as; apoiarmos-nos nella, mas não lhes rendermos um culto excessivo.

As arvores cujos ramos se voltam para o chão, são como essas familias, como esses povos que vivem na adoração do seu passado. Ellas parecem cercar o tronco, de que sahem, de um respeito filial. Ellas o abraçam, o abrigam, o protegem. Quando alguém está de baixo dessas arvores, sente-se em uma atmosphera calma. Mas essas arvores nunca sobem muito.

A palmeira não se demora a revestir de verdura o seu tronco altivo e recto. O tronco é o passado, e a tradição. Elle faz simplesmente o seu dever

de sustentar o Presente, de preparar o Futuro. E o Futuro é aquella lança de folhas verdes ainda não abertas, apontando para cima. Porque é para cima que se precisa olhar. Mais alto! Sempre mais alto!

Ninguém tema o esquecimento do Passado. Infelizmente não é possível!

Mesmo quando ninguem falla delle, elle está na nossa carne, no nosso sangue, nos nossos nervos, em cada uma de nossas cellulas. Não é preciso que ninguem se occupe com elle. Elle se occupa demais commosco. Queremos abri-l'voo — e elle nos retém á flor da terra.

Grandes poetas julgaram fazer cousas novas, cousas inéditas — e, quando mostraram seus trabalhos, viu-se que tudo isso era já sabido, já conhecido. Nós somos um amálgama de restos, de destroços miseráveis do Passado, que quer continuar a viver, a sobreviver, a durar indefinidamente. E' contra elle que precisamos lutar, sempre voltados para o Futuro.

O Passado é o salgueiro de ramos verdes pendendo para o chão, chocando as lembranças de outros tempos, guardando á sua sombra — a sombra das tradições.

O Futuro é a audacia esbelta e atrevida da palmeira, desprendendo-se do enlaçamento das outras arvores, para contemplar o céu face a face.

Ella faz como esses campeões heroicos de outras eras, que deixavam atraz a turba-multa dos combatentes vulgares, para isolados, diante das suas tropas cheias de medo, desafiar o inimigo. A palmeira se destaca do exercito da vegetação rasteira, deixa em baixo as outras arvores reunidas em grupo e atira-se sózinha.

A palmeira é a mais bella das arvores!

O que as outras ouerem é a sombra e a calma. A palmeira é a arvore dos paizes tropicaes, a arvore do deserto. O sol não lhe causa temor.

E mesmo ahí como ella é nobre! O frio é o symbolo das almas, que não se entregam, que se fecham em si mesmas. O calor, ao contrario, é o que radia, o que se espalha: é o symbolo do altruismo. E pare-

ce que a palmeira o comprehende, porque não vegeta em plena belleza sinão nos climas de fogo.

Pensadores amargos têm dito que o Mal é maior que o Bem, o egoismo maior que o amor. Mentira! Ha um limite para o Mal; não ha nenhum para o Amor.

Sabios, apoz longos calculos, puderam provar que existe, com effeito um gráu de frio que se chama o zero absoluto. As distancias infinitas de todos os astros, no mais profundo e no mais vasto de céu escuro e vazio, o frio não pode exceder esse gráu previsto e medido.

Mas ninguem ousou ainda imaginar um limite para o calor. Figura-se que o do sol deve ser espantoso; mas talvez seja ainda insignificante em comparação do que elle mesmo foi em outros tempos ou do que é ainda em longinquos sóes. E, si o frio é como o egoismo e o calor como o amor, sempre é consoladora a lição da Natureza, ensinando-nos que o primeiro tem limites e o segundo é infinito.

Sem duvida, a partir de um certo gráu; em qualquer das direcções, a vida é impossível. Mas, si a maioria das arvores não sabe crescer sinão na tepidez dos climas temperados e apenas algumas vivem nos lugares demasiado frios ou demasiado quentes, nenhuma se identifica tanto com calor e a luz como a palmeira. No meio dos arciaes em fogo, surge serenamente o seu tronco. Lá, como em toda parte, conserva a sua linha altiva e nobre...

E porque ella é a arvore que parece fugir á baixeza de todos os contactos, — symbolo dos nobres espiritos, cujo ideal não conhece a miseria das transigencias e das accommodações;

— e porque ella é a arvore, que sempre impellida para a altura, não tem ramos que se voltem para o chão — symbolo dos que caminham em linha recta para um futuro que esperam venha a ser melhor do que o presente;

— e porque ella é a arvore que cresce de preferencia nos climas de fogo — symbolo daquelles que não sabem viver sinão na radiação communicativa do amor;

— a palmeira é a mais bella das arvores!...

Medeiros e Albuquerque

Viajavamos pelo sertão. Eramos dous somente: eu e um amigo que com ser bacharel em direito, era Academico de medicina.

Iamos de auto por uma larga estrada tão branca e tão sem fim como o proprio caminho da felicidade. Porque os assumptos se tivessem extotado durante todo o dia, contentavamos-nos em gozar as delicias das primeiras horas da noite. Corria um vento leve e acariciante; e o ar continha um gostoso perfume de flores sylvestres.

As touceiras de facheiros e mandacaru's erguiam-se quaes phantasticas sentinelas dos rochedos e as folhas das caatingueiras tremelicavam, desprendiam-se e jogavam-se ao ar com a passagem da nossa viatura... O céu estava escamppo e os seus milhões de olhos lucilantes denunciavam que do outro lado, achavam-se guardados os maiores thesouros de luz...

Os serrotes, ponteagudos e aggressivos destacavam-se ao longe em alto-relêvo e uma boa parte do disco da lua ele-



vava-se além, completando a maravilha de uma noite sertaneja.

Não sei bem que grave these de Direito Romano ou qual moderno assumpto de Cirurgia vagabundava na cabeça do meu silencioso companheiro. O que tenho de prompto quanto a mim, é que desejei ficar-me por ali vivendo santamente no casto concheço dos passaros e das flores.

Quando o meu pantheismo ia no seu mais elevado enthusiasmo e as mais formosas estro-

phes engalanavam-me o espirito, fui despertado por um subito zigzag e a parada brusca do auto. Fôra uma "derrapage".

A pericia do "chauffeur" não conseguira atravessar sem incidente aquelle sitio tão seu conhecido. Explicava-nos elle que o areiaí que tinhamos diante de nós era um rio secco, e que no verão todos os autos derrapavam ali.

Vimos então sahirem de um casebre proximo tres homens. Corriam mal com as pernas muito abertas, como que tac-teando em passos incertos; e gritavam em tom familiar. "Lá vão os eéguinhos!" "Lá vão os eéguinhos!" Achamos extranho aquillo, mas fomos logo informados que aquelles tres cégos, irmãos, viviam quasi das gorgetas que lhes davam os viajantes. A parada dos autos ali era fatal e como para shirem da areia requeriam auxilio braçal, foram morrar no casebre e serviam de auxiliares dos autos. O meu companheiro perguntou-lhes porque se não transportavam para o Hospital, onde facilita-

SUL AMERICA

A mais poderosa Companhia de seguros de vida da America do Sul

Fundada em 1895

Activo em 31-3-1926	131.186:000\$
Seguros em vigor	777.050:000\$
Pagamentos á segurados e seus herdeiros	114.595:000\$
Receita no ultimo exercicio	47.773:000\$

As modernas apolices da **Sul America** conteem as clausulas de invalidez, renda annual, dupla indemnisação e prolongamento gratuito do seguro na falta de pagamento dos premios.

Pedidos de informações á caixa postal n. 169

RECIFE

ria tudo inclusive a operação, se fosse precisa, e arrematou sentenciando que se a cegueira era de nascença devia-se accusar como responsavel — a syphilis.

Um delles contou ingenuamente como haviam apparecido os primeiros symptomas do mal ainda em pequenos, e dahi até a cegueira. O pae morrera cego. A historia era terrivel e dilacerante. Fiquei com os nervos em desespero. Empurraram o auto até á chã. Demos-lhes algumas moedas. Ao despedirmo-nos e agradecer-lhes, um de nós faz allusão aos encantos da lua nascente. Um dos cégos, o mais letrado, talvez, disse uma quadra simples e tocante concluindo que tambem entendia do "cometa" do qual tinha uma pequena lembrança... Com esse imprevisito toda a belleza da noite desapareceu. Marchamos em silencio. O auto rolava e parecia forrado de alfinetes. O calor era intenso; e dahi por deante a visão e a historia dos tres infelizes me ficaram a vibrar e a retinir no espirito como a mais pungente Ladainha de Dôr.

ANDRE LINO

AS MULHERES DEVEM VOTAR?

— "SIM" — RESPONDEU MR. BERTHELEMY DECANO DA FACULDADE DE DIREITO DE PARIS

— "As mulheres devem votar — respondeu elle — As mulheres devem votar e esta opinião não é só minha, é tambem dos Srs. Viviani, Briand, Buisson e Augagneur, que não são precisamente reaccionarios.

"O suffragio universal é a representação geral do paiz, não se pode eliminar as mulheres que, se não teem as



mesmas funcções que nós, teem, pelo menos, os mesmos interesses. Não ha motivo serio para que metade do genero humano governe a outra metade. Nenhum facto social justifica essa exclusão da mulher.

"Objecta-se que esse suffragio jamais foi praticado e que convem deixar ao homem a vida publica e á mulher o lar. Assim, pretendem alguns, e quer o progresso que exige a especialização das funcções conforme as aptidões.

"Responderei a isso, que a mulher pode continuar a dirigir o lar e ao mesmo tempo partilhar com o homem na escolha do governo. Os tradicionalistas fallam-nos d'esse problema como se fallassem no tempo de Luiz XIV, quando a vontade do monarcha se sobrepunha á vontade do povo. Hoje não ha mais soberano, e é todo o paiz que deve tomar parte na livre escolha dos governos.

"Realmente, o papel exclusivo do suffragio universal é fazer designar, pela reunião dos homens serios, os homens capazes de exprimir as opiniões do povo sobre as leis a votar.

"A mulher é particularmente apta a essa discriminação

Comunicação

Communicamos ás excellentissimas familias e a todos em geral que, a exemplo das grandes casas do Rio, vamos inaugurar uma secção de liquidações em nosso estabelecimento **Au Bom Marché**, á rua Barão da Victoria n. 155, onde semanalmente, todas as quartas-feiras, faremos liquidações dos muitos artigos do nosso grande "stock", a fim de renovar-o constantemente.

Avisamos que terá inicio a referida liquidação na proximo quarta-feira, e que continuará em todas as semanas, neste mesmo dia.

Bôa oportunidade de comprar-se bons artigos a preços reduzidos.

J. Pessoa & C.ia

pelo seu bom senso e também pela sua intelligencia.

Com certeza que ha poucas mulheres de genio, não ha nenhuma Molière ou Newton feminino, mas o mesmo se pode admittir nos meios cultivados quanto á superioridade dos homens; mas em toda a parte, na grande massa dos eleitores, a mulher salienta-se pelo seu bom senso e discernimento.

No povo, na campanha, o homem é especializado por uma occupação limitada. A mulher estabelece o orçamento do lar, dirige a familia, educa os filhos, é ella que prevê e reflecte.

Sob o ponto da vista moral, menos irasciveis, mais ligadas ao lar, mais accessiveis á emoção, as futuras eleitoras são assim, superiores aos homens. De resto, as estatisticas attestam que para uma mulher criminosa existem dez homens.

“Ainda uma vez, é preciso limitar o suffragio universal no seu papel; não se trata de discutir as grandes questões politicas, mas sim de escolher o mais digno.

Quem ousará pretender que a mulher é menos capaz que o homem para fazer escolha?

— Mas — observou-lhe o jornalista do “Figaro” — nem todas as mulheres pedem para votar.

A maioria de entre ellas é indifferente a essa questão.

— Mas somos nós que lhe pedimos, no interesse do paiz; o suffragio feminino não é apenas justo, é util e benefico: as guardas do lar, as mães que são as unicas educadoras de seus filhos até aos doze annos, serão os inimigos naturaes da pornographia, da devassidão, ante a qual os homens se têm mostrado até agora tão tristemente desarmados.

Nos povos onde o suffragio feminino foi adoptado, constata-se uma regressão do alcoolismo”.

A Nacional

Fabrica de bonecos de papelão.

Imitação cellulóide

Concerta-se bonecos de cellulóide e biscuits.

N. MONTEIRO

R. 13 de Maio, 923—Sto. Amaro

Conto fantastico Enriqueta Basavilbaso

Faz frio... No palacio tudo é silencioso; a princeza não sahe ao jardim para tomar o banho matinal na piscina; as escravas caminham com passos abafados sobre os regios tapetes da Persia.

Está morrendo o Pachá, e morre de um mal que os sabios doutores da corte ignoram.

Não ha remedios, não ha nada que possa salvá-lo.

E a princeza medita... Ama com loucura Tahli e não se pôde conformar que Budha o chame para junto de si.

Os seus cabellos negros com tons dourados, a sua cutis bronzeada, as suas mãos finas e avelludadas, demonstram que ha sangue de branco nas suas veias.

Seu pae fóra um consul norte-americano, que morrera em uma revolução, deixando sua mãe, uma princeza persa, grávida, e que morrera ao dar-lhe a luz. Gaisha era mestiça, mas Tahli amou-a com paixão e casaram-se.

Faz apenas dois annos, e Tahli já vae deixá-la só no mundo.

Seus olhos esverdeados se enchem de lagrimas. Si ella pudesse salvar o seu Tahli!

— Minha senhora! — exclama a seu lado uma voz.

E' Anaina, a sua pequena escrava.

— Que queres? Por que me chamas? — responde Gaisha com a sua voz musical.

— Minha senhora, eu conheço algo que pôde salvar ao vosso esposo, meu amo.

— Que é, Anaina, que é? — disse erguendo o seu bello corpo.

— Lá na montanha vive Galita, uma bruxa que conhece o destino de todos os persas, e vende remedios infalliveis contra o mal que os afflige. Mas, minha senhora, pede preços fabulosos pelo menor favor.

— Que importa, Anaina? Ainda que tivesse de dar todo o thesouro real, que importaria se salvasse o meu Tahli?

— Senhoras, muitas vezes não é dinheiro o que pede; exige mais. Temo por vós, minha senhora e amo.

— Não temas, fiel Anaina; ha de acabar tudo bem. Irei hoje mesmo; prepara meu véo e minhas sandalias. Tu me guiarás.

— O caminho é muito ruim, senhora, e nos eustará toda a noite para chegar.

— Tudo sei capaz de fazer para salvar o meu adorado Tahli.

Cahia a tarde; as sombras das arvores occultavam o castello, e só se viam as suas torres clareadas pela lua no seu quarto minguante.

Gaisha está sentada ao lado do leito de Tahli. E' de formoso typo classico persa: cutis fostada e traços pronunciados; o seu cabello negro anellado, cahe sobre os hombros; a sua bocca de labios grossos, tem um gesto doloroso; os seus olhos negros, avelludados, de olhar profundo e intelligente, buscam sem cessar os verdes, da joven que ana.

— Não dormes, Tahli amado? — diz a joven pousando seus labios vermellos sobre a fronte ardente do persa.

— Não posso, Gaisha, não posso! Quanto te amo! — disse tirando dentre as dobras das cobertas a sua mão varonil e procurando a mão fina de Gaisha. — Nada haverá que me salve? Quero-te tanto que não te posso deixar, bella Gaisha — diz apertando-lhe a mão contra o seu peito.

— Não temas, Tahli; Budha te salvará e te restituirá aos meus braços.

Confortado com o que a joven lhe disse, Tahli fecha os olhos e veio-lhe um somno reparador de todos os soffrimentos do dia que se tornam tão longos para os que soffrem. A sua mão não abandonou a de Gaisha; mas quando ella se convence de que dorme, retira suavemente os seus dedos e, pousando os labios nos de seu esposo, chama a escrava e diz:

— Cuida-o, que Gaisha voltará com a sua saúde.

Sahe do aposento e sem fazer barulho, chega ao seu quarto, adornado magnificamente a gosto de Tahli.

Anaina lá está, já vestida para a longa viagem, com o véo da sua ama, que colloca cuidadosamente sobre os seus negros cabellos, cobrindo grande parte dos seus olhos ardentes.

A escrava calça os pés finos e nus de Gaisha numas sandalias douradas.

Antes de sahir, a princeza

chega ao aposento de Tahli e diz á escrava:

— Se despertar e perguntar por mim, dize que a sua Gaisha não voltará sem a sua salvação por muito elevado que seja o preço.

Atravessou longos corredores, espaçosos salões orientaes, e á sua passagem se inclinavam os hindu's de cutis bronzeadas; os pavões reaes, com os seus leques abertos, acereavam-se de sua dona que distrahidamente os acariciava.

Abriu-se o grande portão, e Gaisha e Anaina fecharam os seus mantos. O frio gelava as suas carnes. Apertaram o passo.

— E' longe, Anaina!

— Muito longe, minha senhora!

— Apressemos-nos; não vá que cheguemos tarde.

Internaram-se no bosque, chegaram depressa a um campo onde arbustos espinhosos cresciam até grande altura, os passaros estavam silenciosos em seus ninhos. Os espinhos rasgavam as roupas das duas mulheres, mas ellas não se detinham. Os arames feriam seus pés que sangravam. Gaisha tinha perdido suas sandalias, e seus pés eram duas chagas, mas o seu amor morria lá no palácio e não se lembrava ella dos seus pés. Os seus den-

tes batiam, lá longe porém, estava o remedio que curaria Tahli, e nada havia que a prendesse.

— Senhora, descansemos um pouco, ainda está longe o que nos falta.

— Pára tu, Anaina, eu seguirei.

Mas Anaina, fiel, não deixou a sua ama, e seguiram o seu caminho. O amor as guiava.

Caminhavam ha tres horas sem cessar, quando ao longe ouviram-se o grito de uma coruja e o chilrear dos grillos.

— Já estamos, senhora.

E o rosto de Gaisha se illuminou ao pensar que a poucos passos estava a vida de Thali. Quando chegou á caverna, apresentava um aspecto estranho. Seus cabellos tinham-se desmanchado e cahiam sobre os seus hombros nus pr causa dos espinhaes. Com os pés ensanguentados, sem adornos só conservava de princeza o seu aspecto imponente e distincto.

Aquecendo-se junto ao fogo, uma velha brincava com um macaco. Ao vêr apparecer a Gaisha, levantou a vista e disse:

— Budha te guarde, princeza Gaisha; era tempo. Tahli deve morrer amanhã, ás doze horas.

Um grito dilacerante cruzou

os ares, e Anaina sustentou a sua ama.

— Já estou bem, não percamos tempo — disse esta, recompondo-se.

— Chega aqui, princeza Gaisha. Dirte-ei as condições. Das tres cousas que vou te propôr, terás que escolher uma.

Sentada ao pé da bruxa, com a esperança nos olhos, Gaisha escuta. A velha tem um aspecto sinistro; as chammas do brazeiro allumiam o seu rosto sulcado de rugas, os olhos quasi fechados e a bocca que mostra um só dente que se move a compasso com a lingua.

— Pede quanto quizeres, Galita, sou poderosa.

— Não é dinheiro o que eu quero, é alguma cousa que vae te custar mais. Previno-te de que cada condição negada não poderás voltar atraz. Pensa bem antes de responder.

A coruja continuava com os seusaios, que são presagio de morte. Anaina, assustada, tinha se encolhido aos pés da princeza.

A velha pronunciou algumas palavras e disse asperamente:

— Pedem-me a tua belleza. Ficarás feia e a tua cutis macia se encherá de marcas de variola.

— Não! Não! — gritou

ERYSIPELA?

CURAM AS

“Gottas Brasileiras do
Dr. João Alfredo”

Deposito: **PHARMACIA SÃO PAULO**

Larga do Rosario, 248

RECIFE

Gaisha. Tahli não me quere-
rá assim. Não! Não! — disse
reforcendo nervosamente os
dedos.

Uma chispa de fogo se esca-
pou do brazeiro e cruzou os
ares. A bruxa nada disse.

— Espera, espera, Galita,
deixa-me pensar — disse Gais-
ha, cujas lagrimas rolavam pe-
las faces.

— De ante-mão te preveni,
já não pôdes voltar atrás.

Tornou a velha a pronun-
ciar as mesmas palavras e dis-
se:

— Dizem-me que és mesti-
ça, virá um branco ao paiz e
terás que fugir com elle.

Ja responder e tapando a
bocca com as duas mãos, afo-
gou o grito de protesto que se
escapava do seu coração hon-
rado de vinte annos.

— Mas não vês, Galita, que
Tahli morreria de dôr se o en-
ganasse assim?

— Não morrerá asseguran-
no as Pareas.

Os dedos de Gaisha uniam-
se, nervosos, apertavam-se.

— Prefiro que morra me
querendo a que viva maldizen-
do-me — disse por fim a jo-
ven.

— E's orgulhosa, princeza
— disse a velha, tornando a
falar lentamente, depois que

como a primeira vez, uma
chispa cruzou os ares.

— Dizem as Pareas que só
te deixarão o principe Tahli
com esta ultima condição: té-
rás um filho que morrerá em
logar do principe no segundo
dia de nascido.

O seu coração maternal es-
tremeceu e disse:

— Não ha outra solução?

— A unica e ultima; olha
para o céu — disse a velha
apontando o firmamento. Já
se vê o sol apparecer por en-
tre as montanhas. — Nem se
quer terás tempo de chegar a
vê-lo antes de morrer; decide-
te.

— Devem ser sete horas, se-
nhora — disse com suavidade
Anafna.

Apenas cinco horas tinha de
vida o seu Tahli, e ella não se
decidia a' sacrificar um ser
que nem se quer existia.

— Está bem! — disse fa-
zendo um esforço sobrehuma-
no e pondo-se de pé.

Seu manto cahiu e deixou a
descoberto os seus formosos
braços arabes onde corria san-
gue americano.

Ouviu-se um trovão e outra
chispa subiu aos céos. A cor-
ja tinha se escondido no bura-
co; só se ouvia o trincar lon-
ginquo dos rouxinões, que pa-

reciam alegrar-se com a sua
determinação. Seus olhos per-
correram a caverna, parecia-
lhe menos sinistra que quando
chegou. Ia sair quando Galita
se approximou e disse:

— Deixa alguma cousa para
o meu pobre Arroek. E acari-
ciava o macaco que saltava
sobre os seus hombros, enros-
cando a cauda no pescoco des-
carnado da bruxa.

A princeza tirou do scio
uma bolsa com moedas de ou-
ro, e sahiu seguida de Anafna.

Já era manhã clara quando
chegaram a uma rocha, perto
de um regato.

— Anafna — disse a joven
a sua escrava, — esqueci o
manto; vae buscá-lo, esperarei
aqui.

A pequena obedeceu rapida-
mente e desapareceu entre as
arvores.

Gaisha sentou-se na pedra.
Umás canções subiram aos
seus ouvidos, curvou-se para
olhar e viu no regato uma mu-
lher que lavava cantando.
Pouco depois, chegou-se-lhe
umã creaturinha de dois a três
annos, e tirando ella as mãos
da agua disse, beijando e
apertando o menino contra o
scio:

— Filho das minhas entra-
ubas!

OS VERDADEIROS

FUMANTES

Preferem sempre os cigarros

Mistura 2

DA

Fabrica Lafayette

Gaisha sentiu que as lagrimas lhe apertavam a garganta e envolvendo um sêr invisível chorou por longo tempo. Anaina chegou com o manto e cobriu os hombros nus de sua ama. Sua physionomia finha mudado, estava resplandecente de prazer. Ao vêr a princeza chorando lhe disse:

— Por que choras, senhora? Estaes arrependida do que haveis feito?

— Não, Anaina; os medicos me disseram que nunca serei mãe, e ainda que o fesse, por enquanto quero só a Tahli.

Quando chegaram ao palacio, os medicos tinham chegado, e com caras exquisites, viam-na, aproximarse.

— Que se passa? — gritou Gaisha. — Enganaram-me! — disse cahindo no chão de joelhos.

— Senhora — disse o mais velho — acalme-vos. A's doze horas pensamos que morria. O principe chamava por vós. A escrava lhe deu o vosso recado e vos chamou ainda mais forte. Agora está fóra de perigo. O pachá Tahli se salvará.

A princeza chorava... Entrou no quarto de Tahli e arrojando-se nos seus braços chorou ainda mais. As côres tinham voltado ás faces do principe, e abraçava e beijava Gaisha com as forças de antes.

— Que fizeste minha amada? Que fizeste?

— Entreguei muitas moedas de ouro ás Parcas — disse laconicamente Gaisha...

De repente um grito desfallecida entre os seus braos.

Examinaram e deram a Tahli a nova inesperada para todos; que teria um successor!

Gaisha perdera as suas côres, seus olhos sem cessar posam nos de Tahli, que a acariciava mais que nunca. Ella beija os cabellos de seu esposo e seus olhos enchem-se de lagrimas.

— Que tens Gaisha amada? Não comprehendes que teremos um filho? Não estás contente?

— Sim, sim, Thali; muito contente. — E beija a sua fronte e as suas mãos. — Si elle soubesse! — é todo o seu pensamento.

O filho adorado a quem anta já como si o conhecesse lhe será arrebatado quasi ao dar-lhe a luz. Quando fica só com Anaina, Gaisha deixa transbordar em caudaes o seu angustiado coração:

— Minha Anaina, como acceitei isso? Dentro de um mez serei mãe e meu filho vai morrer por minha determinação... Que fazer Anaina?

Anaina beija os pés de sua ama e trata de consolal-a. Seu filho viverá, Budha assim o quer.

Em uma manhã, Gaisha repousa no jardim, só. Muito estranha que Anaina não tenha vindo para junto de si. Sente-se cansada. Está proxima a maternidade, e cada dia que passa é um punhal que se crava no seu coração. Approxima-se a hora em que esse sêr, sangue do seu sangue e filho e de Tahli morrerá.

— Ama e senhora — diz a escrava ao seu lado — o guarda do bosque pergunta por vós.

Mandou entrar o guarda do bosque.

— Senhora — disse fazendo uma profunda reverencia: — Encontrei Anaina no bosque, desfallecida mas com vida, embora muito gravemente ferida.

— Onde está a pequena fiel servidora?

— Que foi? — gritou Gaisha.

Anaina? Quem feriu a minha — Ignoro, senhora; não quer falar sinão a vós.

— Trazem-a já.

No fim de pouco tempo voltou o guarda do bosque com a menina nos braços, pallida e com voz fraca.

— Que fizeste, Anaina? Que te fizeram? — disse Gaisha fazendo-a recostar-se na gramma e abraçando a cabeceinha quasi sem vida...

— Quero falar-vos a sós.

Gaisha fez sahír aos presentes, e de joelhos escutava a menina:

— Lembrae-vos, senhora, aquella noite... em que fomos as duas...

— Sim, sim! Que tem?...

— Lembrae-vos que vos esquecistes do vosso manto real na caverna e que eu voltei para buscá-lo?...

— Sim, sim! Depois...

Quasi já se não ouvia a sua voz. Gaisha inclinou-se ainda mais para não perder uma palavra.

— Quando voltei... percebi que a velha... falava sózinha com Arroek...

— Continúa, Anaina continúa; que se deus!

— Parei escutando — continuou fazendo um esforço, — e vi...

Uma golfada de sangue a affogou, e Gaisha levantou a cabeça manchando seus trejes com o sangue da escrava.

— Ouvi que dizia... — acrescentou olhando para Gaisha: — "A princeza não sabe... que se eu morrer antes que nasça o principe, este viverá".

— E tú... — exclamou Gaisha, acariciando os cabellos da menina e tendo já perfeita comprehensão de tudo.

— E... — continuou a escrava — percorri á noite só o mesmo caminho... que ha oito mezes percorri comvoseo, senhora... Só, não... levava commigo, o punhal.

— Minha filha!... — exclamou Gaisha, abraçando a escrava.

— Obrigada, senhora, pelo nome que me haveis dado; até agora não o havia ouvido para mim. Cheguei á caverna... e escondida nas arvores. Approximei-me das costas de Ganta... apunhalei-a... Ella se levantou como uma fera ferida... e agarrando-me pelas tranças gritou: "Cachorra judia... mataste-me para salvar tua ama... mas... não morrerei só, pois que tu', maldita, me acompanharás..." E com... o mesmo punhal me fez... a ferida que védes. Mas Budha me deu forças... para vêla morrer como um cão... e... para vos dizer que não temaes... Vosso filho viverá...

Cerrou os olhos, parecia terse cansado ao referir os feitos que haviam salvo o principe.

Gaisha beijou os labios frios da escrava, que abriu os olhos e disse, tomando u'a mão de sua amá:

— Morro contente; foste muito boa para commigo...

Sorriu e morreu. Gaisha fechou os olhos á sua servidora, que até a vida havia dado por ella. E quando Tahli chegou encontrou Gaisha chorando sobre o cadaver de Anaina, que haviam coberto de flôres.

Gaisha contou ao seu esposo tudo que havia acontecido, e o principe, pondo um joelho em terra, beijou a fronte da fiel Anaina e ordenou que a enterrassem na catacumba real.

Tres annos depois, Tahli, Gaisha e o filho de ambos, collocam, como todos os annos, flôres sobre o tumulo da que foi sua salvadora.

PRODUCTOS

GOTTAS
PHYSIOLOGICAS

NEURO SÔRO

BI-UROL

CARVÃO
NAPHTOLADO

Formula

FORMULA — Cada X gottas
contem :

Ext. fluido de Guaraná. 0,25
Ext. fluido de Kola
fresca exteril 0,25
Solução de Peptona io-
dada 0,05
Arrhenal 0,003

Glycerophosphato de Sodio e
Strychnina Cacodylato

Base de extracto de folhas de
abacateiro, dissolventes e diu-
reticos mineraes.

Carvão vegetal . . . 2,25 cent.
Benzo-naphthol . . . 0,50 "
Aniz verde em pó. 0,25 "

INDICAÇÕES

Neurasthenia, Syphilis, Ane-
mia, Consumpção, Pretu-
berculose, etc.

NEURASTHENIA

ARTHRITISMO
e em manifestações da diathe-
se urica

Fermentações, Entero-Colites,
Dyspepsia, Flatulencia, Enjôos,
Enxaqueca, Diarrheas.

Nas ultimas Exposições Na-
cionaes, a que concorreu a
quasi totalidade das casas que
no Brasil representam a Phar-
macia Industrial, os productos
da Casa Silva Araujo & Cia.,
foram destacados por uma
"Menção Especial", a UNICA
creada para esse effeito e por
um "Grande Premio", o UNI-
CO concedido a estabelecimen-
to não official.

Estes premios não foram obti-
dos por estabelecimentos con-
generes

Silva Araujo & C.

Escriptorio Central: RUA 1.º DE MARÇO, 11 — End. Tele-
graphico: ARY — Tel. N. 5.673

Pharmacia e Drogaria: RUA 1.º DE MARÇO, 9 e 13—Tel:
Norte 3.016

Laboratorio Pharmaceutico: RUA DO CARMO, 60, 62 e 64
e BECCO DOS BARBEIROS 12, 14, e 16—Tel. N. 6.307

Fabrica de Productos Chimicos: RUA D. ANNA NERY, 376
Tel: Jardim, 339
RIO DE JANEIRO

CITROSOLVINA

INGESTA

CREME DE
MAGNESIA

HYGROSACCHARETO

CYAN (Injectavel)
(indolór)

GRANULADO EFFERVES-
CENTE DE CITRATO DE
MAGNESIO

FARINHA LACTEA PHOS-
PHATADA

Suspensão homogenea de hy-
droxydo de magnesio

CADA MEDIDA CONTEM:
Glycerophosphato de ma-
gnesia 0,40
Idem idem idem sodio . . 0,125
Idem idem potassio . . . 0,125
Idem idem calcio 0,10

Cyaneto de mercurio.

Dyspepsia e Desordens gastro
intestinaes dos lactantes, Hy-
perchlorhydria, Perturbações da
circulação sanguinea, Diabete

Alimento Ideal para Crianças,
amas de leite, pessoas fracas
e convalescentes.

AZIA
e as demais manifestações da
hyperchlorhydria,

NEURASTHENIA — ESGO-
TAMENTO NERVOSO — AS-
THENIA POST GRIPPAL —
PRE-TUBERCULOSE-ESTA-
DOS DYSTROPHICOS

SYPHILIS

RECIFE, 6 DE NOVEMBRO DE 1926

ALFREDO PORTO DA SILVEIRA — DIRECTOR

A
NOTA
DA
CIDADE



fim do dia, fugimos da cidade, rumo das praias de Olinda, do Pina e de Bôa-Viagem, onde o nordeste nos traz as canções dolentes dos jangadeiros do nordeste.

E durante algumas horas, na gloria azul e ouro das tardes brasileiras, nessas praias maravilhosas, bemdizemos a vida e louvamos a natureza creadora, mãe generosa e doce, que, minuto a minuto, nos ensina a religião eterna da Belleza.

E olhamos, demoradamente, para o mar, grande rei ciumentoso, o eterno imperador bravo, que, ha millenios, domina a humanidade, fascinadora pelo seu deslumbramento.

E nos sentimentos confortados, e sorrimos para o céu, quando se accendem as primeiras estrellas da noite illuminada, da noite amiga e bôa, confidente e irmã de nossas alegrias...

J O Ã O
TERCEIRO

Novembro adusto. O céu é de um azul macio, espelhante. De um azul translucido, que nos falla do mar, em certas horas mansas de tranquillidade.

A cidade arde ao sol. As arvores olham para o céu, afflictas e soffredoras.

A poeira sóbe, espiralada, sufocante.

As ruas vibram de color senegalesco.

Invade-nos uma preguiça deliciosa, preguiça que nos dá desejos de repouso, á sombra de arvores copadas, em recantos floridos.

Invade-nos a volupia consoladora do somno.

E desejamos fugir da cidade tumultuosa, cheia de bondes e de automoveis gritadores.

E desejamos, para nossa alegria, as ruas estreitas "as ruas camaradas da cidade", que nos dizem emoções doces do passado.

E mal o sol se vae, quasi no

Convalescente, fomos encontrar ha dias Manoel Arão, em sua pitoresca vivenda, alli num modesto recanto da rua da Glória.

Nem por si vir erguendo do estado precario de ruina physica a que o reduziu o accidente pathologico que o levou ao leito, pondo em grande perigo a sua vida preciosa, perdera o distincto intellectual pernambucano a sua vivacidade de espirito; ao contrario mesmo no melindroso estado em que se acha sente-se que dentro de sua organização combalida palpita ainda a mesma alma chela de enthusiasmo e de fé, o mesmo espirito cheio de lucidez e de argucia.

Fallamos-lhe de sua obra, esse trabalho monumental de novecentas e muitas paginas que é o fructo de uma luctação tridunaria, o producto de alguns annos de esfores, perseverança e tenacidade, prestes a converter-se em perfeita realização, para o seu maior renome e justificado orgulho das letras patrias.

O presidente da Academia Pernambucana de Letras sorria levemente com o doce sorriso de quem antegoza a suave emoção de um sonho acalentado de muitos annos entre as brumas da incerteza e que se vae porfim realizar.

Intellectual de justa nomeada, espirito culto e operoso, Manoel Arão vem dedicando grande parte de sua actividade á grandiosa causa dessa associação de obreiros do Bem que veem sendo desde os seus primordios até nós o expoente maximo representativo da melhor camada social, — a maçonaria.

Essa instituição onde não poude ainda penetrar com o seu cortejo de sordidas mazéllas a politicagem deturpadora de caracteres e responsavel pelo desnorreamento de energias consciences a serviço de elevados ideaes, teve um dia devassados os seus annaes, invadido o patrimonio de seus

Um novo livro



MANOEL ARÃO

fectos por um preserutador audaz.

Foi Manoel Arão que mergulhando no passado secular da grandiosa Associação trouxe de lá os elementos com que compoz a "Legenda da maçonaria", obra que foi um valioso serviço prestado á causa maçonica, sobre ser ainda valioso subsidio historico.

Agora, Manoel Arão tem : sahir do prelo um novo trabalho que elle houve por bem intitular-o de "A historia da Maçonaria no Brasil," obra de foiego, trabalho de valor serviço que define eloquentemente o seu espirito a sua personalidade.

Mau grado a hostilidade do meio, ainda que editada num paiz que guarda fundos resquícios de sua barbaria primitiva "A historia da Maçonaria no Brasil", livro de que não queremos fazer aqui a mais leve critica pela sua flagrante extemporaneidade mas apenas dar uma ligeira noticia, está fadado a um largo e extraordinario successo nos circulos maçonicos, como nos ambientes profanos pela importancia dos factos alli expostos e como pela profundeza de concepção com que se o faz.

Nesta obra que não é simplesmente a exposição chronologica dos acontecimentos maçonicos como possa a principio parecer, mas a exposição fundamentada de como varios senão todos os grandes ideaes da democracia brasileira foram fomentadas pelas aggremações maçonicas, vamos encontrar ventilada proficiente e brilhantemente o grande movimento politico religioso em que nos remantando ao vaticano teria sido o que se poderia talvez chamar a remodelação do ideal catholico — a questão religiosa.

Felizmente que nos foi poupado a vida preciosa do grande litterato pernambucano para que não ficassemos privados da sua grande obra.

Ainda bem.

SÓTERO DE SOUZA

CABELLOS

UMA DESCOBERTA CUJO SEGREDO CUSTOU 200 CONTOS DE RÉIS

A "Loção Brillhante" é o melhor especifico para as affecções capillares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contem saes nocivos. É uma formula scientifica do grande botânico dr. Cround, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

É recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro, e analysada e autorizada pelos Departamentos de Hygiene do Brazil.

Com o uso regular da "Loção Brillhante":

1º — Desapparecem completamente as caspas e affecções parasitarias.

2º — Cessa a queda do cabello.

3º — Os cabellos brancos, descolorados ou grisalhos voltam a cor natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.

4º — Detem o nasclmento de novos cabellos.

5º — Nos casos de calvieci faz brotar novos cabellos.

6º — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A "Loção Brillhante" é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio.

A venda em todas as drogarias, perfumarias e phar-macias de primeira ordem.

Alvim & Freitas cessionarios da Caixa Postal n. 1379



A RESISTENCIA PHYSICA NO JOGO DE "FOOT-BALL".

Diz-se, geralmente, que não ha "logica" no jogo de futebol. Como explicar a derrota de um club campeão vencido por um clube de segunda ordem, facto que acontece, muitas vezes, procurando-se attribuir-o á falta de treino, á parcialidade do juiz, ou ainda, á influencia das torcidas do publico. Entretanto, o verdadeiro factor do insuccesso é o estado de depressão physica dos jogadores, a qual é devida, sobretudo, entre outras causas, a uma alimentação inconveniente.

Os jogadores devem abster-se nos dias de jogo e nos que precedem, do excesso de carne, de doces, completamente do alcool e de certos alimentos que determinem a "acidificação" do sangue.

O uso ou abuso desses alimentos ingeridos, ao envez de outros, de efeitos beneficos, resulta a acidose; causadora do enfraquecimento, do desânimo e da falta de coragem para o jogo.

Para combater taes estados e, sobretudo, evital-os, torna-se indispensavel que os jogadores se alimentem de verduras, de leite, de fructas, de cereaes e massas, usando, concomitantemente, um medicamento-alimento, que seja rico em saes de calcio, portanto, de magnifico resultado como nutriente e neutralizador dos acidos causadores de fadigas, de caimbras e "surmenage".



O PATRIOTISMO

Estava acesa lá para as bandas do sul, a guerra com o Paraguay. Uma pequena columna de 1.000 homens sob as ordens de um official, marchava para as fronteiras destinada a augmentar o effectivo das forças em operações.

Marchavam esses heróes, quando ao escalar uma serra, a guarda avançada dá signal de inimigo á vista. As munições eram poucas e a escassez de viveres augmentava a miséria daquelles heróes. Trouvou-se o combate violento e encarniçado. Os paraguayos em numero superior, atacavam encarniçadamente.

Ia no mais terrivel do combate quando cae a bandeira em mãos dos paraguayos. Após o combate reuniram-se os superiores e perguntaram: quem quer ir tirar o nosso pavilhão

Adeus, Rugas!

3.000 dollars de premios se'ellas não desaparecerem
A mulher em toda a idade pode se rejuvenescer e se embelezar.
—E' facil obter-se a prova em vosso proprio rosto.—
e em pouco tempo.

EXPERIMENTAI HOJE MESMO O "RUGOL"

Crème scientifico, preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza, Mlle. Dort Leguy, que alcançou o primeiro premio no Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL — Opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embeleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL — Differe completamente dos outros crèmes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvido pelos póros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL — Evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha e faz desaparecer as sardas, panos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL — Não engordura a pelle. Não contém drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma criança recém-nascida poderá usal-o.

RUGOL — Dá uma vida nova á epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA! — Mlle. Leguy, pagará mil dollars a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.

Mlle. Leguy oferece mil dollars a quem provar que ella não possui oito medalhas de ouro, ganhas em diversas exposições, pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará ainda mil dollars a quem provar que os seus attestados de curas não são espontaneos e authenticos.

AVISO — Depois desta maravilhosa descoberta, innumerous imitadores têm apparecido de todas as partes do mundo. Por isso, prevenimos ao publico que não aceite substitutos, exigindo sempre

RUGOL

Mme. Harry Vignier escreve:

"Meu marido, que, em sua qualidade de medico, é muito descrente por toda a sorte de remedios, ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso de RUGOL, e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio".

Mme. Souza Vallence escreve:

"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afeavam o rosto e depois de usar muitos crèmes annunciados, comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL, obtendo a desaparicção não só das rugas, como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam".

ENCONTRA-SE NAS BOAS PHARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS:

Unicos cessionarios para a America do Sul: ALVIM & FREITAS, RUA DO CARMO N. 11, SOB.—CAIXA 1.379—S. PAULO

COUPON

Srs. Alvim & Freitas — Caixa 1379 — S. Paulo — Junto remetto-lhes 1 sello de 200 réis, afim de que me seja enviado pelo Correio o TRATAMENTO SCIENTIFICO PARA EMBELLEZAR O ROSTO.

NOME.....
RUA.....
CIDADE.....
ESTADO.....

«A Pilheria»—Recife.

ao inimigo? — Eu, respondeu uma voz. Era um rapaz de 20 annos. Partiu. Chegando ao acampamento sorratamente retirou a bandeira. E' porém descoberto pela sentinella, e alvejado, e chega ao acampa-

mento, entregando ao seu batalhão a querida bandeira, no minuto em que exhalava o ultimo suspiro.

LUIS CORREIA DA SILVA
(Alumno do Gymnasio do Recife).

A PILHERIA

A cantiga de São Jorge,
Foi cantada lá no céu,
Num barco que a Lua fez,
Entre as estrelas, ao léu...

Na areia, castellos tenho,
Com janelas de sargaço,
Quanto mais castellos caem,
Sonhador castellos, faço...

Diz as trovas de Buarcos,
E não me canço eu de lél-
[as...
Que a Lua é barco do Céu,
Navegando entre as estrel-
[las

Lá na praia da Figueira,
De areias loiras e finas,
Eu fiz castellos de sonho.
Nas canastras das varinas...

A Lua é barco de prata,
Toda a noite navegando...
Neste barco vão dois noivos,
Eternamente sonhando,

Essas trovas cheias de re-
cordações foram cantadas
pelo Almeida Portuguez,
depois da recepção no dia
da sua chegada.

A noite, na praia, entre
os rapazes e D. Afra, o mo-
ço lusitano, lembrou-se das
cantigas da Figueira e de
Buarcos.

Cantou com sentimento,
as quadras acima arrancando
do peito de alguém alguns
susspiros.

Mario — D. Ratão — lo-
go em seguida, pôz-se tam-
bem a cantar:

Pode haver praias no mun-
[do,
De belleza rara, infinda...
Bella, porém, sobre todas,
E' nossa praia de Olinda.

O mar daqui sorri e canta,
Blasphema, soluça e chora...
Tem as tristezas da Lua...
As alegrias da Aurora...

Canta cantigas de antanho,
E de outras longinquas eras.
Do tempo em que os Por-
[tuguezes,
Apostavam de galéras...

Tem confidências, caricias...
Alguma coisa de humano:
Mais attracção pode haver,
Do que attracção do Ocea-
[no?!

O mar, embaixo, na praia,
vagaroso, branco á luz da
Lua, espalhava-se, de man-
sinho, pela praia. Parecia,
bisbilhoteiro, que gozava
em ouvir cantigas, louvores
a sua grandeza e amizade
aos povos Julgava-se mes-

CHU VIS COS



mo, ao quebrar das ondas
mansas, ouvir-se vozes de
agradecimento.

O fakir que nunca estive-
ra em praias e o primeiro
oceano que vira era o do
Brasil, em Olinda, cantou
tambem com languidez e do-
çura:

Ondas bravias, valentes,
Brilhantes que só allanges,
Nêp tens a doçura magica,
Das aguas mansas do Gan-
[ges...

A sua voz de Colosso,
Essa voz sua, não muda...
O Ganges corre calado,
Em seu silencio de Buda...

De dia, de noite, enfim,
Sua alta voz não se caia...
E monge o Ganges sereno,
No convento de Bengala.

As gerações mais antigas
Nao viram uma so praia...
Agoravam, com fervor,
Os atares do Hymalaya...

D. Afra, pouco entendida
em historia, reclamou con-
tra as canções do indiano.
Não era decente um extran-
geiro ridicularizar o oceano
de Olinda, o velho mar da
Marim, oriado de coqueiros,
cujas palmas viridentes can-
tavam trovas mais bellas
do que as dos fakires...

Almeida Portuguez — de
ponta com o magico recla-
mou tambem:

—Oh! Seu homem das
cartas. O mar daqui é tam-
bem de Portugal... Não
venha cantar práqui suas la-
murias...

—Eu tenho o Ganges...

—E eu tenho o Tejo, o
Mondego e o Guadiana...

D. Afra, pernambucana,
de fibra ajuntou tambem:

—E eu tenho Beberibe, o
Pirapama e o Ipojuca...

Zé Valentão até aquelle
ponto, calado, fallou tam-
bem:

—Quanto oceano, meu
Deus...

AUSENTE CHORADÓ

Almeida Portuguez não
conheceu o Alvaro, Russell,
celebre piratão, mano do
Emilio e que durante a sua
estadia no "Ninho de Xe-
xéo", criou raizes de ami-
zades.

Em Olinda, no banho ma-
tinal, nas retretas, ao tar-
go do Carmo, á noite, o ca-
rioca pirata tiava tino.

Não perdia parada. Nos
Miagres, onde esteve alguns
dias, dias estes memoraveis
senao inesqueciveis.

O espinho da Saudade ain-
da fere corações.

Banhistas existem que,
todas as manhãs ainda
olham para o lado do Sul, com
tristeza...

Lagrimas furtivas, lenci-
nhos ensopados quantos...

D. Afra, não se esquece.
Pediú ao Emilio um retracto
de Alvaro para a galeria do
"Ninho".

Almeida Portuguez, pesaroso
por não conhecer pediú a D.
Afra que descrevesse o seu
typo.

A bondosa senhora satis-
fez o pedido:

—Alvaro era alto, nêp
muito alto, e magro de car-
nes. Vestia roupa e calçava-
se. Tinha bocca, nariz e
olhos...

—A senhora se esqueceu
das orelhas... — atalhou
Zé Valentão. —

—Não me atrapalhe —
respondeu D. Afra. — Não
tem barba nem bigode, porém
podem nascer, não passando
a gilete...

—Lá vai a senhora se es-
quecendo dos cabellos — re-
plicava Zé...

—Cala a bigorna Zé — pe-
dia D. Ratão...

D. Afra continuou:

—Afilado de cara, mais
vermelho do que amarelo,
sorriso angelical, anda, to-
ma banho, come e bebe...

—Só? — inquiriu Almei-
da.

—Ah! — ajuntou D. Afra
— ia me esquecendo. — To-
ma chapetilha e chupa ca-
jús...

A velha se esqueceu dos
dentes!?!... Murmurava Zé
Valentão.

—Bello moço — terminou
Almeida Portuguez.

—Tal e qual o Emilio —
redarguiu D. Afra.

O VADIO

Morava perto da capital uma senhora que tinha um unico filho em quem depositava todas as suas esperanças. Chamava-se elle Raul, e era muito vadio, cuidando apenas de brincar e de pregar peças aos camaradas, principalmente aos mais pobres da classe. Chegou a epocha dos exames. Faltavam apenas cinco dias, e Raul não sabia nada do programma, mais inconsciente que era, esperava ser approvado com **distincção**. A professora do menino, querendo seleccionar os alumnos de exame, mandou que todos fizessem uma prova escripta, prometendo que daria um premio ao

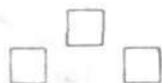
que si saísse melhor. Terminadas as provas, a professora, depois de corrigilas, começou a proclamar o resultado das mesmas. Em casa o Raul havia dito á sua mãe que esperava tirar **distincção** e esta julgando que todas as vezes que prendia o filho para estudar que este lhe obedecia quando, ao contrario, só fazia pensar em novas diabruras — comprou-lhe um lindo presente com que pretendia brindal-o caso se saísse bem, mas qual não foi a sua surpresa quando examinando a escripta do filho viu-a toda errada e com nota o! Decidida a ouvir a explicação da professora foi ao Collegio e se convencendo da

malandragem do filho não só o reprehendeu á vista dos collegas, como até entregou bõa mestra o premio que comprara para o filho, dizendo — “Entregai-o ao menino mais pobre da vossa classe... E foi assim que Arthur, o menino mais desprotegido do Collegio ganhou neste dia dois premios: o da professora e o da mãe de Raul, o qual, aliás, o detestava por ser elle muito pobre... E' que Arthur fôra o unico que levára uma nota **optima** na sua prova de exame...”

29/10/1926 — **Edith Correia**, (12 annos) alumna do Grupo Escolar “Amaury de Medeiros”.



O dia
da
saudade



O artistico
mausoléu
onde
repousam
os
restos
de

José Marianno



Suplica



Como um lençol de chumbo amortalhando
Meu pobre coração amargurado,
As lentas horas tristes vão passando
Deste negro Domingo malfadado.

Um abutre cruel, voraz, infante,
Crava em meu peito as garras, esfaimado;
E de zelo e saudade a alma sangrando,
Sou do inferno da dor o encarcerado.

"Pela ilusão bendita que me destes,
Pelo raio de sol que me trouxeste,
A' profunda tristeza éo meu ser,

A' noite de min'alma, escura e fria,
Não me deixes sofrer mais um só dia
A tortura mortal de te não ver!"

Recife, 5/9/26.



Tercio
Rosado
Maia

O dia
da
saudade
em
Santo Amaro



Mausoléu
do
inovidavel
Joaquim
Nabuco



CONFORTO!

Nos calçados "POLAR", como em nenhum outro, o conforto se allia, intelligentemente, a estas incomparaveis qualidades:

RESISTENCIA A HUMIDADE
GRANDE LEVEZA
SÓBRIA ELEGANCIA
DURABILIDADE
ABSOLUTA EXACTIDÃO

DE TAMANHOS E ALTURAS, EM RAZÃO DAS SUAS FORMAS RIGOROSAMENTE ESTHETICAS E ANATOMICAS.



Pedir as nossas formas 21, 22, 23, 26, 33, 37 e 38, nas principaes sapatarias

Para defender-se contra imitações, exigir, sempre, o nosso carimbo "POLAR", estampado a fogo, sobre a sola.

A PILHERIA

Sabbado ultimo, Dia dos Empregados do Comercio realizou-se em Olinda, como estava annunciada, a esperada festa organizada pela companhia Antaretica. Esta festa, que constou de um banho á phantasia, além de parcos de remo, de nataçao e outros divertimentos proprios do verão, não podia ter sido melhor, nem mais encantadora. "O "Atlantica" o preferido bar do Malta, logo pela manhã apresentou-se com um aspecto magnifico. Ramiro, o garçon, que é a alma daquella casa de banhos, juntamente com o gerente se esforçava para o successo daquelle sabbado, na velha praia do Carmo. E á tarde, pouco antes do inicio da festa, era intenso o movimento naquelle bar. Não se podia imaginar cousa melhor. E quando tiveram inicio os divertimentos organizados para aquelle dia já o "Atlantica" estava repleto; innumerables senhorinhas augmentavam o bilbo e o encanto daquella tarde festi-

Chronicas do Verão

va. Eunice do Carmo Almeida, Dolores Maia e Silva, Iracy Passos, Euda e Espesia Cunha, Almyra Medeiros, Maria Lucia Machado, Yolanda Santos, Adalgisa e Alayde Mello, Irene de Carvalho, Zulaida Passos, Aline e Ezilda de Oliveira, Diva Machado, Irene Botelho e muitas outras concorreram para o brilhantismo daquelle dia, na soberba e legendaria Marim dos esquiros esguios e dos mosteiros historicos. E depois de terminados os parcos de remo e nataçao que foram corridos com grande animação, a Companhia Antaretica offereceu a todos um bom copo de cerveja com bolinhos, etc. E á noi-

te, para fechar com "chave-de-ouro" aquella festa encantadora, tivemos um "Jazz Band" que tocou até 8 horas.

E, assim, Olinda alcançou sabbado ultimo, um dia de successo.

zsls--

ELLA — anda alegre e satisfeita da vida.

ELLE, ao contrario, anda triste e pensativo.

ELLA esqueceu, de vez, aquelle amor voraz.

ELLE ainda o guarda no peito como um idolo.

ELLA vive hoje, somente, para o "Jazz" eo "flirt".

ELLE vive para um copo de cerveja, onde busca esquecer-a.

ELLA sorri quando o vê.

ELLE chora, em silencio, quando ella passa.

ELLA tem a elegancia de ser futil.

ELLE tem o orgulho de ser sincero.

JOÃO DA PILHERIA

Recebemos communicação do Sport Club de Garanhuns de ter sido eleita no dia 3 do fuez findo a sua nova directoria a qual ficou assim constituída:

Directoria de Honra: — Presidente Godofredo de Barros (reeleito); Vice-Presidente Euclides Dourado, (reeleito); 1.º secretario Luiz Pereira Junior, (reeleito); 2.º secretario dr. Mario S. Mattos; Orador Luiz de Barros C. Brasil (reeleito); Thezoureiro, Abdias Branco; Vice-Thezoureiro, Bento Miranda.

Commissão Fiscal: — Agilberto Dourado — Waldemar Guimarães — Francisco Dantas.

Directoria Effectiva: — Presidente dr. Luiz Guerra, (reeleito); Vice presidente Ary Barreto (reeleito); 1.º secretario José Cincinato Silva; thezoureiro Joaquim Leal; vice Thezoureiro- Manoel Gouveia, Director de Sports: Joaquim M. Wanderley Filho; vice-director, Sports Lourival Wanderley; Orador Hybernon Wanderley (Reeltio).

Commissão Fiscal: Pedro Fimino — José Rodrigues da Silva — e Francisco Leal.

Director Technico do Radio — dr. Ruber van der Linden, Vice — dito Dario Rego.



Luizinho Ribemboim, filho do sr. José Ribemboim, do commercio desta praça e de sua esposa d. Clara Ribemboim.

Organizado por uma commissão de exmas. senhoras que patrocinam a Sociedade Beneficente dos Enfermeiros realizou-se no ultimo domingo 31 um extraordinario festival em beneficio da "Caixa Escolar" da dita Sociedade, tomando parte no espectáculo diversas senhoritas e cavalheiros que sobre a direcção do distincto amador dramatico sr. A. Braga, encenaram a fina e hilariante comedia em 2 actos.

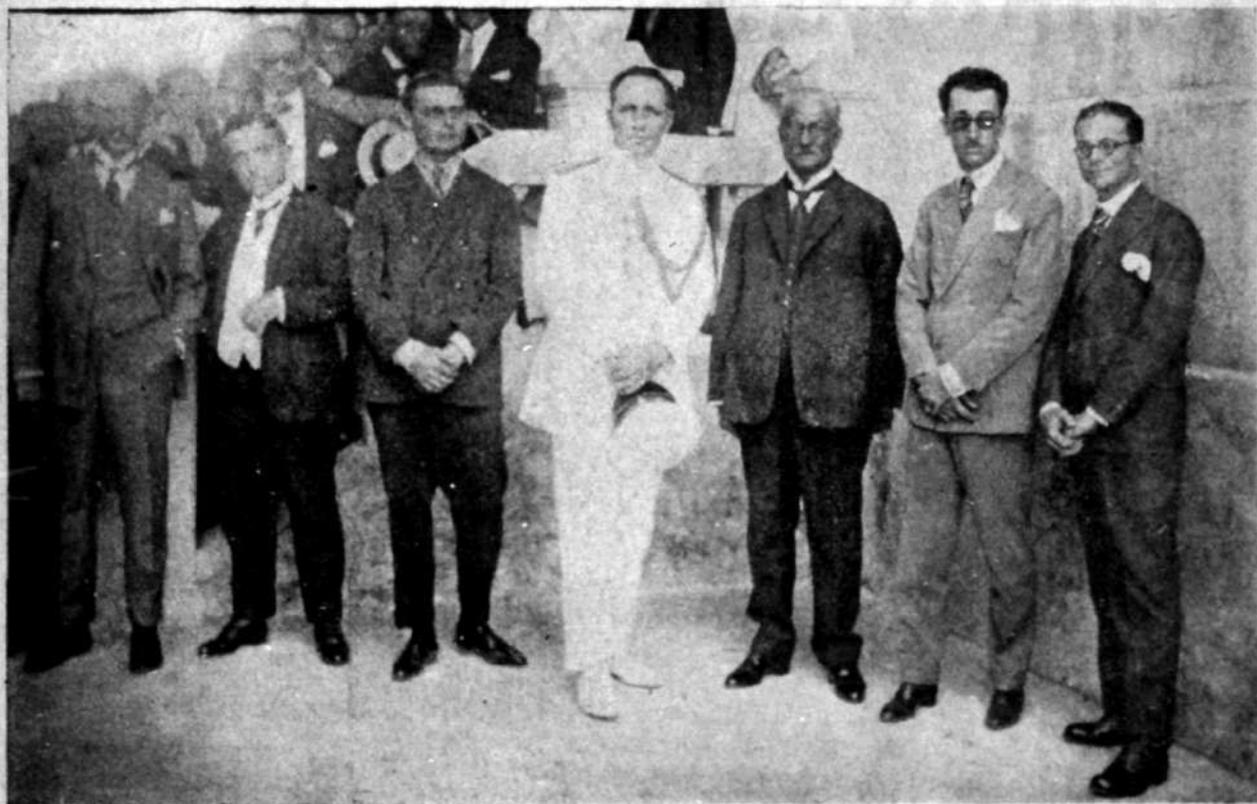
"Secura de vida e um acto variado.

— Trauseorreu no dia 1.º do corrente a data anniversaria senhorinha Debora Pimentel Alves, da estremecida filha do sr. Miguel Alves Menino, Commerciante em Caruarú".

Do sr. Antonio de Moura Filho, proprietario da Agencia Moura, na rua 15 de Novembro, recebemos o ultimo numero **Revista do Brasil** apreciado quizonario que se edita na revista do maiz sob a direcção dos srs. Afranio Peixoto, Pauliá Caloceras Alfredo Pugal e Plini Boretto.

Com excellente sumario **Revista do Brasil** tem aprecivel aspecto material.

A FESTA DA PALMATORIA



Um grupo apanhado na terrasse da Escola Normal, onde se vê o sr. governador do Estado, dr. Julio de Mello, cercado de auxiliares immediatos de sua administração, director e professores daquelle estabelecimento de ensino.



Por uma dessas profundas mutações a que tudo no mundo se tem de accommodar e onde reside muitas vezes em grande parte a harmonia da vida, os novos methodos em que se baseia o ensino moderno eliminando os castigos corporaes e banindo os instrumentos de supplicio da escola, deu logar a que se instituisse a **Festa da Palmatoria**.

Em dito dia do anno a petizada das escolas se reúne cantando e folgando em derredor antigo symbolo de terror, que é hoje por uma grata fatalidade do Destino um symbolo de alegria.

Por isso a Escola Normal esteve em festas no dia 30 do mez passado. Solemnisava-se a **festa da palmatoria** e, como vem sendo de costume ali, as professorandas do anno aproveitaram o ensejo para se despedir de suas collegas de curso.

Cerca das 14 horas daquelle dia, no salão de honra da escola presente o exmo. dr. governador do Estado, professores, grande numero de convidados, etc., teve inicio a cerimonia que consistiu de um discurso de abertura da solennidade

pelo dr. Simões Barbosa, seguindo-se a entrega do symbolo pela professoranda Neusa do Rego Pinto a quem agradeceu em nome das suas collegas, Ledeciere Ferreira.

Para dizer versos, foi designada pelo director, em seguida, Annita Candida de Oliveira, que declamou com harmonia e graça a poesia **Romcu e Julieta**. Depois assumindo a Tribuna para interpretar Olegario Mariano em "Sacy Peres", a gentil senhorinha Helena Campos, que empolgou a assistencia.

E' que a senhorinha Helena Campos está a esta hora quasi inteiramente assenhoreada dos segredos da arte sublime de dizer. Por isto que a sua declamação arrancou de quantos a ouviu uma prolongada salva de palmas.

O orpheon da Escola entôou ainda expressivã marcha militar e encerrou a encantadora festividade com a execução do Hymno Nacional, acompanhado pelo maestro Euclides Fonsêca que no piano esteve como sempre magistral.

O vôo do Brasil

João de Barros Ribeiro, o bravo piloto, comunicou à Agência Americana que continuaria o raid iniciado, de Genova a Santos, apesar de sua desinteligência com o aviador Arthur Cunha.

E continuaria para attender ao appello de seus irmãos brasileiros, e para elevar, mais al-

to ainda, o nome aureolado do Brasil.

Devem ter partido, hontem, de Las Palmas, os aviadores Barros e Newton Braga, roa? lisando dest'arte, o sonho maravilhoso e formidavel, que se vae tornando em esplendida realidade, e que não podia pnrer aos caprichos de um outro



Da direita para de Barros, ten Newton Bra, excludo da motivos impo blico já con tristissima nesta capita

As distancias exactas do raid dos aviadores brasileiros

No intuito de elucidar os leitores sobre as distancias exactas que o avião "Jahú" cobrirá nos seus vôos entre Genova e Santos, damos a seguir as distancias exactas:

Primeira etapa

	Klms.
Genova — Barcelona	667
Barcelona — Alicante	445
Alicante — Cabo Palos	112
Cabo Palos — Cabo de Gata	170
Cabo de Gata—Gibraltar	334
Total	1.728

Segunda etapa

	Klms.
Gibraltar—Las Palmas	1.384

Terceira etapa

	Klms.
Las Palmas — Porto Praia	1.667

Quarta etapa

	Klms.
Porto Praia — F. Noronha	2.334
Porto Praia—Recife	2.890



Palavras de Ribeiro de Barros:

“O «Jahú» vai partir, seja qual for o seu destino, e o Brasil poderá dizer que os seus pilotos não desmentiram as tradições de glória e heroísmo”.

brasileiro, que em má hora se esquecera da grandesa da Pátria.

A audácia indomita e tropical de Barros Ribeiro e a coragem invulgar de seu companheiro não podiam sucumbir à mercê da intransigência de um homem vaidoso.

O raid Genova — Santos é um raid nacional. Empenha-se n'essa travessia admirável a alma generosa e heroica do Brasil e seus dois filhos, herdeiros de uma raça audaciosa e guerreira, cobrirão essa alma varonil com as flores de seu patriotismo.

Deus os ilumine.

Quinta etapa

	Kilms.
Recife—Cabo Frio . . .	1.838
Cabo Frio—R. Janeiro.	170

Total 2.008

Sexta etapa

	Kilms.
Rio—Santos (ou S. Paulo)	334

Total geral

	Kilms.
Primeira etapa	1.728
Segunda etapa	1.384
Terceira etapa	1.667
Quarta etapa	2.890
Quinta etapa	2.008
Sexta etapa	334

Total 10.011

Dez mil e onze kilometros.

A deduzir os tres mil cento e doze (3.112) kilometros percorridos entre Genova e Las Palmas, têm os aviadores a vencer ainda, para concluir o raid, a distancia de 6.899 kilometros.

De Genova a Recife terão os “raidmen”, caso aqui cheguem, vencido a distancia de 7.669 kilometros, faltando percorrer para a conclusão da sua travessia a distancia de 2342 kilometros.



Esquerda. Ribeiro
Arthur Cunha e
segundo foi
pulação pelos
cos que o pú-
facto que teve
ursão não só
no em todo o



Biscuits

Minha estrella



Cae a tarde lentamente...
lentamente...
um véo de bruma
veste a terra toda!...

e eu sinto a dura nostalgia,
a nostalgia douda
que me faz a saudade deste amôr!...

olho pela janella,
por onde vêjo o firmamento,
o mundo... a vida...
Tudo... Tudo cinzento,
envolvido no manto pardacento
dum fim de tarde
que aos poucos se anniquilla...
e que antes de morrer,
Treme... vacilla!...

eu olho o mundo
atravez do quadrado
da janella do meu quarto de rapaz...
— como é pequeno o mundo assim...
moldurado,
consubstanciado
nessa illusoria felicidade
do meu sonho fugaz!...

cae a tarde lentamente...
lentamente...
um véo de bruma
veste a terra toda...
agora... mais pesadamente!...
e a Natureza
cerra as palpebras escuras,
numa tristeza
exanime, dormente...

— a tarde morre languorosamente!...

Olho de novo, o pequenino mundo
encarcerado
dentro da noite immensa...
— Meu sonho agora é mais feliz!...

Vejo-as chegando
uma a uma,
em resplendente, illuminada festa,
as estrellas
no céo...

e fico a vê-las,
a sorrir para ellas,
até que as vejo desaparecer...
todas... menos uma
a mais linda e fulgurante

—Ella...
A Minha Estrella,
A que nunca desapareceu,
porque não sei,
da microcosmica téla
invisível,

que eu moldurei,
com o quadrado da janella
sempre aberta, do meu sonho,
para o meu mais lindo amôr...
— Meu Amôr — Impossível!...

JOÃO — DA — RUA...



**Goiabada
Conceição**

A melhor do Brasil



Tem na proxima quinta-feira, 11 do corrente, a linda festa de seu natalicio, a exma. sra d. Alzira Valois de Oliveira Mello, digna esposa do nosso secretario dr. Celio Meira. Nossos parabens.

*
* *

Do sr. dr. Tersalónico Tenorio recebemos amavel communicação de haver installado o seu gabinete electro dentario. á rua da Imperatriz, n. 211 1.º andar.

O novo gabinete está montado com distincção e elegancia e apto pra attender a qualquer trabalho.

*
* *

BÓA-VIAGEM.

A conhecida Fabrica Pilar inaugurou no ultimo domingo em Bóá-Viagem a nossa linda praia de banhos, um serviço irreprehensível de chás e biscoitos da sua especialidade serviço este que obteve os maiores elogios pela sua recommendavel pretensão.

Fazendo construir ali um lindo e artistico pavilhão a Fabrica Pilar veio prestar áquella estancia balnearia um serviço que estava a carecer os frequentadores daquelle local

Em artisticas mezinhas rodadas de cadeiras de vime o publico é attendido pela manhã á tarde e á noite, servindo-se tambem de sorvetes, agua de côco verde, etc.

A Fabrica Pilar tem recebido pelo seu novo serviço muitos elogios.

NASCIMENTOS:

Helemprestes é o nome de um filhinho do estimavel sr. Ernesto Carvalho Alves da Silva e da srma. consorte Rodrigues Gregorio.

Livros Novos.



Fogo

Ferreira dos Santos, jovem poeta conterraneo e nosso companheiro, lançou a publico o seu novo livro de versos "Fôgo".

Cheios duma musica moderna e sensual, os versos de Ferreira dos Santos, dizem bem da sua alma moça e irrequieta.

"Fôgo" tem em todas as suas paginas, essa exaltação que eleva e dignifica a mulher.

Entre as boas produções do livro, publicamos abaixo estes lindos versos de encantamento lyrico:

A VOZ QUE ME FALLOU:

"Ama e serás feliz".

Mal despertei para o esplendor da vida,
uma voz me fallou:

— vive e crê no amôr,
canta, sorri, sé poeta,
ama e serás feliz...

... e eu acreditei nessa voz fementida!...

Seguí.

Pelo caminho,
despetalei
os loiros malmequeres,
fui o poeta amante das mulheres,
Mas, dentre todas,
aquella que eu mais amei
nunca me soube amar!...

Cantei,

Sorri,

Amei,

fui poeta,

Mas... sei lá se fui feliz?...

O dia alegre da tristeza



O dia de finados é o dia em que, universalmente, os vivos se lembram dos mortos e lhe rendem preitos de saudade e rememoração, nas flores que ornamentam os tumulos e covas...

Devia ser um dia triste. Porque é um dia de saudades, de intimas lembranças pequeninas e de subtis emoções despertadas na recordação de vidas passadas, de tempos que de muito se foram.

Mas, pelo muito de gente que enche os cemiterios, é um dia alegre; um dia festivo de saudade, em toda a paradoxal significação da phrase...

E, assim, o dia de finados é o dia alegre da tristeza.

Agora, para melhor complemento do paradoxo, precisamos eleger o dia triste da alegria.

Não acham os leitores que o Carnaval é o tempo mais proprio para o festejo do dia triste da alegria?

O Club Recife realizando amanhã a sua festa mensal proporcionará aos seus associados e convidados um chá dansante o qual terá inicio ás 15 horas.

Da sua directoria recebemos um amavel convite.

Teve na ultima segunda-feira a data de seu anniversario natalicio o distincto sr. Antonio Santos Mello, commerciante no municipio de Jaqueira.

Por este motivo o anniversariante offereceu uma coiza ás pessoa de sua amizade.

O sr. deputado Anizio Galvão, nosso confrade do **Journal do Commercio** teve o decurso da sua data natalicia na quinta-feira, ultima, sendo muito felicitado.

A PILHERIA

CARTAS COR DE ROSA...

Minha linda Maria da Gloria:

Chegamos, hontem, á noite de automovel. Fazia muito frio.

Fizemos uma viagem encantadora, cheia de imprevistos. De surpresas agradaveis. Paysagens até hontem, desconhecidas para meus olhos, deixaram, na minh'alma sonhadora, doces emoções. Atravessamos prados verdejantes, contornamos serras alcantiladas, e marginamos rios sussurrantes. Um pequeno desarranjo no automovel nos obrigou a demorar um pouco, á sombra de velha arvore. De um velho cajueiro patriarcal, envelhecido de acolher passaros e viajantes. Estava cheio de flores e de frutos. Mario colheu alguns cajus, pedindo-me, a sorrir, que os saboreasse. Como eram doces os cajus! Depois fomos á margem de um riacho, que corria mansamente, muito perto de nós. Batemos com as mãos abertas, como fazem as crianças, na superficie clara das aguas, e collecionamos pedrinhas amarellas uma cinzentas outras redondinhas ovas, e de formas outras variadas. Mario bebeu agua na concha de minha mão.

E logo que o automovel ficou concertado, recommençamos

a viagem. E novos aspectos da natureza, os mais differentes, fizeram o encanto raro de meus olhos.

Hoje despertamos antes do sol. Despertei como se despertasse de um sonho cor de rosa, feliz, na gloria de viver longe do mundo, vivendo exclusivamente, unicamente, para o amor de Mario.

Parece que ainda estou ouvindo suas palavras que me fizeram despertar: — "Desperta Senhora e Rainha! O dia vai nascer. Desperta Rainha amada! "E beijou-me os olhos, como se quizesse abri-los, no calor delicioso de seus labios."

E assistimos o nascer do sol.

Como é divina a natureza aqui, no campo!

Para toda a gente, que tem fallado, tudo aqui é muito triste.

E' um engenho de fazer asuear.

A "casa grande" é senhorial, de aspecto pesado, leu brando passadas eras.

Tudo aqui, para mim, minha adoravel Maria da Gloria, está aberto me rosas.

Tudo me sorrir sabe voçê Maria, por que vivo assim, n'uma donrada alegria? Porque o meu lindo Mario está alegre, porque Mario, junto de

mim, com as suas mãos fi-dalgas, nas minhas mãos, é uma criação encantadora. Toda aquella sua impetuosidade de homem vigoroso se transforma n'uma doçura de ave.

E eu vivo de sua alegria.

Morre-se para o mundo, quando se vive para um grande amor. Mario pensa desse modo. E' o egoismo de sua raça amorosa. E' o seu crime de homem, cuja intimidade lembra sempre o mar, pela grandesa de suas acções, pelo heroismo de suas attitudes, e pela bravura de seus actos.

Mario é a minha vida. D'ahi minha ventura, aqui, no campo, onde avoitece mais de pressa, e onde as arvores minhas amigas, cantam noite e dia o poema de minha felicidade.

Agora vamos vamos almoçar.

Mario está arraniando flores, no jardim, para enfeitar nossa mezinha de refeições adornada de rendas do Ceará.

Nossas refeições são cheias de beijos.

Consinta, Maria da Gloria que eu grite bem alto: — eu sou feliz, muito feliz. Mario é a minha vida. Adeus.

Muitos beijos para seus olhos, minha linda amiga.

Sua Maria do Mar

Engenho "Duas Almas".

ESCOLA NORMAL "PINTO JUNIOR" — PROFESSORAS RANDAS DE 1926

V

Celina Pinto Cavalcanti

Procura embora pallidamente perfilar o vulto atrahente de Celina que nos faz sonhar com chimeras azues.

Alta finamente elegante, e seu porte seduz e encanta. Olhos escuros scintillantes contam toda uma historia de um accendrado affecto.

Tez morena, cabellos escuros e lindos do mais elegante corte, Celina nos apresenta o typo da mulher moderna.

O que dirá da su'alma?

Simplex, meiga, encantadora ornada ainda de expansão e ternura.

Apesar de muito estudiosa deixa-se no entanto esquecer

às vezes da missão a que se filiou. Ella tem razão, pois quem vive sonhando com as lindas e fugidias illusões da vida, esquecer-se-á naturalmente do presente com todas as suas responsabilidades. So brevedade intelligente tem dado sobejas provas da sua cuidade intellectual. Amiguinha de todas, vejo-a constantemente em conversações agradaveis com as colleguinhas.

Por isso a estimamos bastante e levaremos n'alma uma immensa saudade d'estes dias tão gratos á nossa vida de estudante.

VI

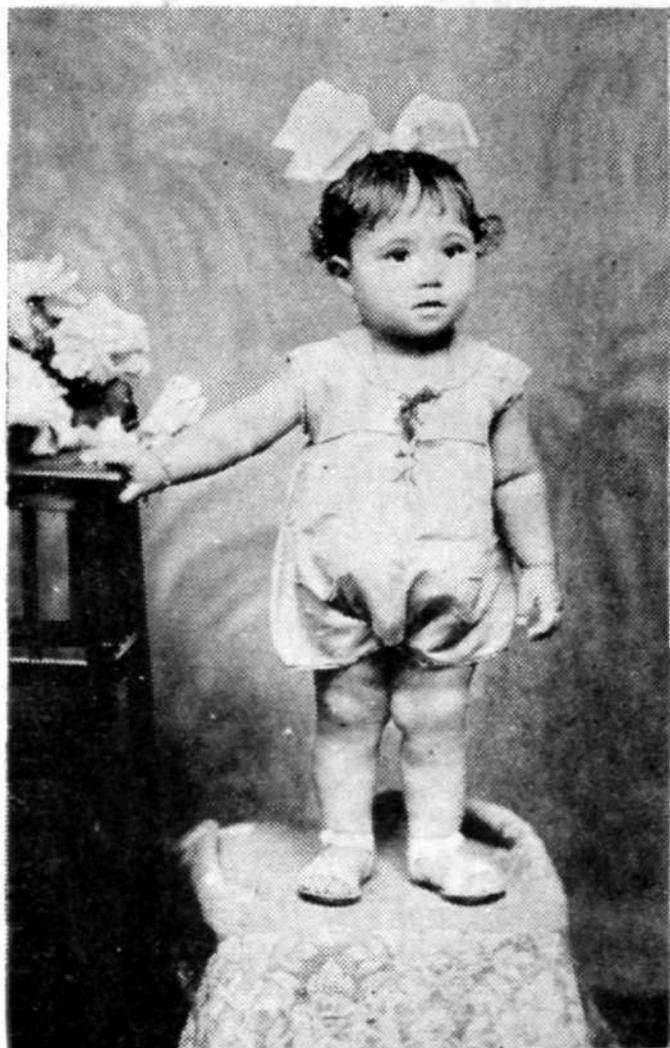
Julia Ferreira de Castro

Eis que traço o perfil sympathico da nossa collega Julianna o verdadeiro encanto da turma.

Sempre alegre e engraçada, é um constante sorrir ao lado d'esta collega.

Muito joven ainda, deixa-se embalar pelas illusões rosas da vida. De olhos claros tez alva embelezada por uma cabelleira castanho escura, ornamentada de lindas tranças. Julianna embora dotada de uma alma de criança, comprehende no entanto seus deveres escolares, por isso a encontramos sempre atarefada com os livros abandonando nestes momentos as melhores conversações.

Muito gentil, interessante, é o typo de uma mestra alegre e confiante por seu temperamento expansivo e meigo. Julianna é o encanto de todos que se lhe approxima e d'esta colleguinha saudades e trechos



Leda graciosa filhinha do distinto casal Luiz Arminio de Lima e d. Guiomar Alves de Lima.

Na volupia de um beijo

Eu repoisára as suas mãos nas minhas mãos, e disséra aos seus ouvidos aquellas palavras suaves e encantadoras que somente os que se amam sabem dizer...

Depois, enrolei os seus cabellos longos, muito longos nos meus dedos, como se seus cabellos fôsem anéis...

Lançando, dentro do meu, o seu olhar, como se os meus olhos fôsem espelho de seu espirito vertiginoso, ella ou-



Mlle. Aurea Cavalcante de Albuquerque, da sociedade de Amaragy.

via, em profundo extase, a musica de minhas palavras sonoras...

E assim dessapparecera de meus olhos, na volupia daquelle beijo longo como seus cabellos...

Emquanto isso, eu experimentava as fortes sensações daquelle beijo voluptuoso, que aos poucos se esvaia, como se fôra a lenta fumaça de meu cigarro, que descrevia figuras exóticas no espaço imaginario de minha visão quasi-allucinada...

JOÃO DA PAULICEA.

Ha muito ferve no Congresso Nacional um reboliço de todos os diabos sobre o projecto do divorcio. As opiniões se chocam e entrechocam, se abalroam como os celebres trengs da Central do Brasil. As mais beneficiadas pelo projecto são as mulheres. Estas, porém, por não comprehendem bem o que venha a ser essa historia de divorcio, mesmo porque do pulpito da igreja de seu bairro o vigario fulmina-o com os raios de sua rhetorica, colligam-se para combatel-o. E todos os dias chegam á Camara e ao Senado os protestos e as moções de apoio canalizadas de todo o Brasil.

Os argumentos de cabo de esquadra não serão capazes de demover os paes da patria de seu dever, isto é, o dever de acompanhar a opinião do leader da maioria. Este, já se sabe! reflectirá o desejo do executivo, encarnado na multa alta pessoa do presidente eleito e a empossar-se a 15 do corrente. Por isso, o divorcio será ou não um facto de accordo com o modo de entender do sr. Washington Luis.

Mas, pezar de não ter nenhum interesse nesse projecto de divorcio a vinculo, estou penalizado com o que vem succedendo a um amigo meu e desejava, do intimo, que, por espaço de alguns mezes, vigorasse essa lei da separação conjugal, afim de evitar uma scena que se prenuncia semi-escandalosa.

Passemos ao caso. Esse meu amigo, cujo nome tenho o dever de occultar, era um adepto ferrenho do celibato. Achava mesmo que o celibato deveria ser obrigatorio, o que futuramente traria graves aborrecimentos ao que se factanciam de ser filhos legitimos. Solteirão impenitente, estava já na casa dos trinta e não tinha nutrido esperanças de levar á pretoria e ao altar a nenhuma de nossas patricias. Creio mesmo que jamais cogitasse disso em qualquer tempo, mesmo porque lá diz o adagio, na sua sabedoria de meia tijella: quem aos vinte não barba, aos trinta não casa e aos quarenta não tem... não barba, não casa e nem tem.

Estava elle na idade de Christo quando tinha 33 annos. Um dia viu uma garota sacudida, de palavreado facil e toda babosa para arranjar quem lhe tirasse de casa

A MULHER QUE VIROU HOMEM

do pae e lhe pagasse as contas da modista. Ninguem naviria de suppôr que o meu amigo, como até então, arredio ás mulheres, principalmente aquellas "sahidas" e sapê...s, ficasse dengosamente de queixo cahido deante dos verdadeiramente Lresistiveis encantos da morena. Dito e feito. Dentro de pouco tempo eil-o noivo, com grande escandalo das suas amantes mundanas e intramuros, e mezes depois chamando o pae de sua pequena de meu illustre e prezado sogro.

Caí das nuvens, metaphoricamente falando. Habituei-me, porém, aos grandes imprevistos e lembrei-me de que, seis mezes antes o meu amigo andava recitando aquella quadra do soneto de Paulo Benevides:

Para abrigar as moças que
[namoro
fiz do meu coração um edifi-
[cio;
hoje, porém, arrependido,
[chôro
ao vê-lo transformado num
hospício.]

O tempo se encarrega de tudo destruir. Ou transformar, como lá diz mestre Lavoisier, cuja sapiencia nanje gu de molestar, contestando-o. O facto é que, dia após, eu separado de meu feliz amigo, que ingressára no matrimonio como um filho pródigo, aos poucos me fui esquecendo delle até que uma ligeira nuvem acabou por isofar-nos.

Eu, sem ser inimigo fidalgal (sempre os figados a agirem!) do menage, segui o exemplo as ás edificante do meu amigo refractario. Vicissitudes da vida nos separou e cada qual seguiu o seu destino, tracado pelo proprio Destino com D majúsculo. Hoje, ex-abrupto, recebo uma carta delle, que desencavou o meu endereço nessa Babytonia em perspectiva que é Recife. Carta que não posso publicar, mas que não deixo de transcrever alguns trechos, para gaudío daquelles que ainda hoje são inimigos das filhas de Eva.

Diz-me elle: "Imagina tu que a minha Nezita (ella se chamava, ou melhor chama-

se Ignéz), era aquelle anjo que tu conhecias. O nosso noivado durou um anno. A nossa lua de mel parecia eterna. Com um anno e tanto começou a entrar em quarto minguante. Nezita, que se divorciára da maquillage, que declarára não sentir vocação para discipula de Ticiano, começou a pintar-se novamente. Depois forçou-me a comprar nada mais nada menos de meia duzia de pyjamas de seda. Até então o unico a usar pyjamas em casa era eu. Com tres mezes fui obrigado a consentir que ella cortasse os seus lindos cabellos. Hoje a modista mandou deixar o seu ultimo vestido, indecentemente curto, com palitô, colete, obrigado a collarinho e gravata. Complemento: chapéo de massa muito puchado a principe de Galles ou Rodolpho Valentino. Demais, ella fuma, joga bilhar, cruza as pernas displicentemente, conversa desenvolta com qualquer caxeiro viajante de bordo, joga tennis e está mesmo influida a treinar para um match de bofetão, influenciada pela sóva que o Dempsey levou do Tunney. Um verdadeiro descabro!

Ora, meu amigo, essa creatura não me pára em casa. E quando dá-me a honra de sua companhia é para querer discutir commigo sobre assumptos inteiramente alheios á vida domestica. Porque não estou sempre de accordo com suas idéas desportivas, outro dia quasi apanho um box desses genuinamente femininos. Imagina! Felizmente essas scenas acabam sempre de portas a dentro, mas são um verdadeiro supplicio. Desejo de corpo e alma a vinda desse abençoado divorcio para poder desembaraçar-me dessa metade tão cara, dessa costella tão irritante. Preciso apresentar-me aos juizes de minha terra para dizer-lhes que desejo a separação porque estava enganado quando me casei. Pensava ter casado com uma mulher e afinal casei-me com um... homem."

Como verão os leitores, esse meu pobre amigo está verdadeiramente em petição de miseria. Americanizaram-lhe a mulher, Masculinizaram-lhe a mulher. Tem elle ou não razão de pedir aos magistrados que o separem dessa mulher que virou homem?

Pedro Lopes Cardoso Junior.

UM JURAMENTO...

A scena se passa no gabinete de leituras de Marcello. Marcello está sentado á mesa, suavemente illuminada por uma luz azul celeste.

Fuma um charuto perfumado e folheia um livro: os "Crucificados" de Joffio Dantas. Rosa Mystica, n'um finissimo roupão de voile estampado entra no gabinete, sem fazer o menor ruido.

ROSA MYSTICA (pisando com cuidado, na pontinha dos pés põe as mãos nevadas e macias sobre os olhos de Marcello — Estás lendo?

Marcello (afstando as mãos de Rosa Mystica) — Não.

R. M. — E esse livro?

M. — Folheava-o.

R. M. — Estás triste?

M. —

R. M. — Não me respondes, Marcello? Olha-me bem. Quem falla é a tua Rosa Mystica.

M. — Penso que não és minha.

R. M. — (Ferida no seu amor proprio) Seria uma creatura muito desgraçada, desprezível, si não fosse tua, unicamente tua. Teria rémorsos, por toda a minha vida, se commettesse semelhante villania. Seria uma creatura monstruosa aos olhos de Deus.

M. (Acariciando as mãos de Rosa) — Assalta-me, ás vezes, pensamentos terriveis. E eu, minha doce Rosita, noite alta, quando dormes, quando tua linda cabeça de rainha repousa no meu braço, soffro a tortura de ser ridiculo, inconscientemente ridiculo, á luz de teus olhos...

R. M. — (Sentando-se n'um divan, proximo á cadeira de Marcello) — Ridiculo? Estás fóra de ti, Marcello?

M. — Ridiculo, sim minha filha.

R. M. — (Com um vivo interesse nos olhos claros e lu-

GAVETA DE OURIVES...

mincos) — Explica-te, meu amor.

M. — Penso, ás vezes, que outros olhos te fascinam, e que teu olhar de velludo se demore de mais, não creaturas de meu sexo... E tento, então, Rosa Mystica, as horas avinagradas de minha vida. Sinto que me foges, e que já não és a mesma. E de vez em quando, a sentir nos labios o travo da cicuta, com o cerebro em desordem, deixo nosso leito sem que percebas, e onde dormes a sorrir com os anjos, e começo a girar no quadrado atapeitado de nosso ninho, pensando na minha desventura, na minha, immensa desventura de ser uma creatura a mais no teu coração.

R. M. — (Emocionada diante de tamanha confissão) — Estás nervoso, Marcello. E' preciso cuidar de tua saude. E' necessario que um medico examine, cuidadosamente, teu organismo. Eu cuidarei de teu espirito illuminado, de tua alma boa, amiga e generosa. E's uma linda creança...

M. — (Olhando para os olhos doces de Rosa Mystica) — Não preciso de medico. Preciso de minha tranquillidade de espirito, para que seja o homem impetuoso de sempre, na adoração pelo teu corpo divino. Tenho a ambição de felicidade. Quero ser o novo homem da lenda, que era muito feliz, e que, na sua dourada felicidade, não tinha uma camiza para vestir. Quero pedir esmolas, cego, amparado nas tuas mãos... A felicidade do homem está nas mãos da mulher amada...

R. M. — (Estendendo as mãos para Marcello) — Si a felicidade do homem está nas mãos da mulher amada, aqui está a tua felicidade, Marcello, Beija-as. São as embaixatrizes de meu amor.

M. (Beijando, muito emocionado, as mãos de Rosa Mystica) Estás disposta a ser minha escrava, sob a tyrannia de meu egoismo?

R. M. — Estou. Estarei sempre. Minha vontade será a tua. Não terei desejos e não terei caprichos. Terei os teus. A escrava age de accordo com as ordens de seu senhor. A cortezã é um manequim nas mãos do rei. Não duvides nunca de mim. A verdade será a palavra com que te fallarei sempre. Farei tudo o que quizeres. Não serei, somente, a mulher feiticeira de teus amores. Serei, tambem, a mulher de teu espirito. Quero ler teus poemas, em que glorificaste, a sorrir e a cantar, nosso amor, nosso grande amor, que parece uma lenda maravilhosa de principes eucantados...

M. — (Sentando-se junto de Rosa Mystica, no divan). E não deixarás morrer essa felicidade?

R. M. — Nunca. Beija-me, querido Marcello. Beija-me a bocca. Sou tua, tua para sempre...

Manhã radiosa! No braço de Marcello a linda cabeça de Rosa Mystica resplandecia, aureolada, lembrando imagens religiosas.

M. — (Despertando docemente). Rosa Mystica, Rosa Mystica... O dia já nasceu. Desperta, meu amor.

R. M. — (Abrindo os olhos de topazio, e a sorrir, seductora) — Estava snubando contigo, meu amor...

COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA



Colossal distribuição de brindes ao Povo de Pernambuco

555 em Março de 1927
555 BRINDES DE VALOR 555
Alem de numero illimitado de pequenos brindes

UM AUTOMOVEL "FORD" completamente equipado.
10—PREMIOS DE UMA CAIXA DE CERVEJA ANTARCTICA para todos os numeros cujas quatro finaes sejam iguaes ás do 1.º premio.
100—PREMIOS DE UMA DUZIA DE GUARANA' CHAMPAGNE, para todos os numeros cujas tres finaes sejam iguaes ás do 1.º premio.

UMA VISITA A'S ADMIRAVEIS INSTALLAÇÕES DA COMPANHIA ANTARCTICA, EM S. PAULO, com passagem de ida e volta em 1.ª classe e despezas de estadia por dez dias.

1.º Premio —

2.º Premio —

- 10—PREMIOS DE UMA CAIXA DE CERVEJA ANTARCTICA "PILSENER" para as quatro finaes do 2° premio.
- 100—PREMIOS DE UMA DU'IA DE "SISI", para as tres finaes do 2° premio.
- UMA GELADEIRA "PERFEITA" com capacidade para 70 garrafas e 12 kilos de gelo.
- 10—PREMIOS DE UMA CAIXA DE CERVEJA "TIP-TOP" para as quatro finaes do 3° premio.
- 100—PREMIOS DE UMA DU'IA DE GARRAFAS DE NECTAR para as tres finaes do 3° premio.
- UMA GELADEIRA "PERFEITA" com capacidade para 36 garrafas e 10 kilos de gelo.
- 10—PREMIOS DE UMA CAIXA DE CERVEJA "MALTE" para as quatro finaes do 4° premio.
- 100—PREMIOS DE UMA DU'IA DE GARRAFAS DE "GINGER ALE" para as tres finaes do 4° premio.
- UM GRUPO PARA JARDIM composto de uma mesinha e tres cadeiras de ferro decorado.
- 10—PREMIOS DE UMA CAIXA DE CERVEJA "HAMBURGUESA" para as quatro finaes do 5° premio.
- 100—PREMIOS DE UMA GARRAFA DE LICOR "ANTARCTICA" para as tres finaes do 5° premio.

3.º Premio —

4.º Premio —

5.º Premio —

O sorteio será realizado no mez de Março de 1927 em dia e logar previamente annuciado, com a assistencia das Exmas. Autoridades, Imprensa e Publico, sendo somente sorteados o: CINCO GRANDES PREMIOS, visto que os demais obedecem aos milhares e centenas d'aquelles

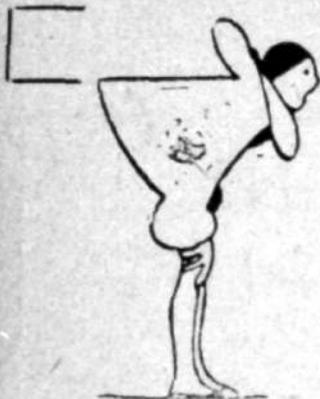
Para concorrer ao Sorteio dos Brindes da Antartica, bastará obter os bilhetes numerados no escriptorio dos

AGENTES: EDUARDO SIMÕES & Comp.

AVENIDA MARQUEZ DE LINDA N. 222. — Os quaes fornecerão um bilhete por cada DEZ CAPSULAS VERDES DA CERVEJA ANTARCTICA "PILSENER" que lhes forem apresentadas
 A todos aquelles que não forem contemplados com premios, será offerecida, contra a entrega de 25 bilhetes não premia dos uma lembrauca da Companhia Antartica Paulista. **Bandejas—Pratos Copos—etc.**
 O recebimento das capsulas enerrar-se á em 10 DE MARÇO DE 1927. Requistem desde logo os seus bilhetes afim de evitar agglomerações ao expirar o prazo.

HABILITAE-VOS AÓS BRINDES, BEBENDO

CERVEJA ANTARCTICA PILSENER



NEM UM SO' DIRECTOR DA L. P. D. T.!

No dia da chegada do "Pará" reunia a directoria da nossa Liga. Os directores da embaixada paraense, acompanhados do seu representante em Recife, num gesto de confraternidade de excellenter educação desportiva, fizeram uma visita de cumprimentos á sua congénere de Pernambuco; dando assim uma bella lição de cortesia.

No dia seguinte apezar de marcada para ás 16 horas a partida do "Pará", esta só effectuou-se ás 17.30, tendo apenas comparecido ao cás além do representante da Liga Paraense, socios do "Sport" e do "Flamengo" e membros da Colonia.

Mais uma vez a directoria da Liga Pernambucana brilhou pela ausencia...

E' para lamentar que a este ponto cheguem as descortesiãs da L. P. D. T. com hospedes nossos e confederados como ella...

Que bellissima lição deu a embaixada paraense aos nossos "poderosos" paredros desportivos! Será, entretanto, a ultima da Liga Pernambucana?...

8 X 1 VERSUS 13 X 1

Mais uma vez provado ficou que a razão estava do nosso lado quando combatemos o "jazz-band" americano que foi á Bahia.

Perdemos por 8 X 1, apenamente... O mesmo quadro bahiano que jogou contra os pernambucanos enfrentou o conjunto paulista levando uma respeitavel "lavagem" de 13 X 1!

Por aqui podemos avaliar da "efficiencia, do valor e da homogeneidade" do nosso "jazz"...

E viva os technicos!...

jogo que ficou celebre entre nos, por ser nelle introduzida a arbitragem á Marinetti e dirigido pelo nosso amigo Pantaleão, do "Centro Sportivo Pernambucano".

Pois tivemos domingo um juiz melhor que Pantaleão: foi Benedicto.

Espirito convencido, medium real, Benedicto foi actuado por um espirito "zombeteiro", que se "encostou" nelle á hora do jogo, e foi squillo que se viu uma arbitragem pessima, apitos sem que se sabia até hoje quem foram que apitaram, no dizer "habíl" juiz.

O "Flamengo", porém, que é catholico praticante, não se sujeitou as "diatribes" do impagavel espirito zombeteiro e zás... protestou o jogo.

CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL

Domingo ultimo realizou-se na Capital Federal a ultima semi-final do campeonato Brasileiro de Futebol, disputando-a os seleccionados do Pará e do Districto Federal.

Venceu esse sensacional prelio o conjunto carioca pela contagem de 5 X 0, apezar da resistencia e jogo dos paraenses, embora estas fossem prejudicadas por uma actuação falha e parcial.

Amanhã, no estadio do Fluminense, enfrentar-se-ão em prova final de Campeonato Brasileiro os fortes quadros cariocas e paulistas.

Quem vencerá este anno?

Os paulistas levam a "certa" e esperam vencer os seus adversarios por uma differença grande.

Por sua vez os cariocas "garganteam" que será uma "sopa", mantendo, assim o titulo de Campeões do Brasil.

MAIS "UMA" DA L. P. D. T. — DESCONSIDERAÇÃO E CORTESIA

Tratamos em nosso numero passado da desconsideração soffrida pela brilhante embaixada desportiva do Ceará, por parte da nossa entidade maxima.

Esse facto echou pessimamente não só no Ceará como em outros Estados, sendo inumeras as censuras á irritante attitude assumida pelos paredros da L. P. D. T.

Hoje temos mais um original modo de proceder daquella "poderosa" entidade.

Como é do dominio publico pelo paquete "Pará", transitou por esta capital a valorosa embaixada desportiva da Liga Paraense ao Campeonato Brasileiro de Futebol, com destino á Capital do Paiz.

Recebendo comunicação da partida da Delegação de Belém, o representante da Liga Paraense neste Estado officiou immediatamente á Liga Pernambucana, entregando, ainda, o officio pessoalmente ao sr. dr. Cicero de Mello seu presidente.

Pois bem. O "Pará", esperado neste porto á 22, chegou ás 18 horas de 21. No cás apenas encontraram-se o representante da Liga Paraense, comissão do Sport Club de Recife, chefiada pelo seu presidente coronel Manoel Guimarães; representante do "Torre" e do "Flamengo" e membro da colonia paraense.

UM JUIZ A PANTALEÃO..

Todos os desportistas devem estar lembrados de um



6 qui nós vê



Na urtima carta qui foi,
Cumpade preste tenção,
Eu lui falei da viaje,
Qui fasso nece mundão;
Eu gozando nesse paceio,
Tu socado nu sertão.

Di Goyana ritornei,
Maes ca véia Candoquinha,
Veloí curria u velame,
Di corré vontade tinha.
Nu auto, eu parecia rei.
Gorda a véia, u'a rainha...

De Pasmado á Igaracu',
Nós nam paremo prá nada,
Curria tanto u velame,
Só cavalo im disparada...
Paçava canaes, ligeiro,
Augua, rio, brejo, estrada...

Nu Garaçu' nós sartamo,
Prá as Igreja visitá,
Díz us home di sabé,
Munta riqueza á pru' lá;
Munto santo vi, cumpade,
Todo us santo nus artá...

Nós chegamo nu Rucife,
Fizemos noi ôtra viaje,
Di paciá nam cancelo,
Perparada tá bagage...
Tanto paceio, cumpade,
Nós nam discancelo, quaj...

Nas Cinco Ponta, tomemo,
Di menhãzinha u vapó;
A véia toda cocóte,
Num banco si aboletó...
Cando nu banco acentei,
Di fóra u chefe apitó...

Disimbestado u terém,
Foi pará nus Afugado,
Puera, cumpade, nus oio,
Nós ficava sufucado.
Tanto calô tá fazeno,
Di suó flico lagado.

Bôa Viage, Prazere,
Nós chegamo im Pontezinha,
A véia suava tanto,
Pobre vela Candoquinha,
Suava tudo, cumpade,
Tudo qui nu terém vinha...

Iá, Cabo Mercês, Olindra,
Timbóacu', mas Iscada,
Foi finarmente im Frexêra,
Qui nós tivemos isbarrada.
Tivemo, cumpade, as bagage,
Sacudindo na carçada...



Na capitá...

Num trezínho di brinquedo,
Di Amaragy, Primavera,
Terém, cumpade, qui grassa,
Nam parece, coisa séra...
Nam cabia u banco a veia,
Tu nam pense qui é piléra...

Fumo, cum medo, cumpade,
Nu tremzínho, sujigado,
Cum pavô nós só zoiava,
Prá portinhóla i prós lado.
U vagão rangia tanto,
Qui só pau nôtro iscostado...

U vapó pitava fino,
Num baruio tam danisco,
Queimava lenha, cumpade,
Era arguêro qui só cisco,
Faisca butava tanto,
Qui parecia chuvisco...

Na Primavera chegemo,
Ô terra prá si jogá,
Na fêra á tanta rolêta,
Mas de cem eu fui contá,
Inté minino, cumpade,
Joga naquele lugá...

Na istranja á Monti-Carlo,
Pernambucque — Primavera,
Prá tirá dinhêro aleio,
Na roleta nam si ispêra;
Diz qui us homem san va-
lente,
São mai brabô du qui fêra...

Eu ôje fico pru' qui,
Neça ligêra cartinha,
Eu comprei um xale novo,
Prá dá di festa a Rosinha;
Sordades di seus cumpade,
Policarpo i Candoquinha.

Condemnados

A junta de hygiene fecha, interdita a casa. Acaçapada, feia, com as vidraças em cacos, tem o aspecto de carruanda miserica ou solitaria dor...

Vae ruindo aos poucos.

Racham-se de cima a baixo, as paredes, dentro desempapeladas e fóra borolentas, verdes de placa de limo e musgo. Nas fendas dos tijolos nús de reboco e no beiral roído do telhado viçam plantas parietaes. O assoalho seca e esboraca-se; está á mostra o vigaumento de supporte numa nudez ridícula de esqueleto. O telhado abate-se aos fundos; já escorregam telhas pelos caibros pódrés. Sempre fechada, a casa em ruinas parece, absorpta numa triste meditação do velho, indifferente, a decompor-se ao tempo.

Certa manhã, porém, o par-dieiro arruinado entre-abre para a rua curiosa o olho de uma janellinha, escancara-o e emoldura nelle o rosto esquadado de criança.

Esse signal de vida na casa moribunda intriga a vizinhança. "Quem é? — indagam e descobrem que, "na casa velha" se alojou, como largatixa humana, uma familia de miseraveis. — Afinidade de ruinas...

Mas a vizinhança murmura. Quer alguém ir dar parte á hygiene que os alige dali. Outro alguém apieda-se:

— Deixal-os! Só assim têm casa...

Com effeito! A pobre familia vinha da rua, dos desvãos de porta, dos cubiculos lobregos sem ar nem luz, das tócas immundas.

Arrumam, alegremente, a casa. Uma esteira esfiapada no commode de mais abrigo é a cama das duas crianças. E o homem, apesar de quasi cego, compõe, com taboas velhas, o catre onde dormirá elle, a mulher e mais o filhinho ultimo, de tres mezes.

Manhãzinha, tanto que a luz se cõza pelas frestas da parede, saem as crianças á rua a pedinechar de porta em porta. O homem sae mais tarde, cauteloso, aguardando o instante em que a vizinhança se desattenta. Vae, tambem, elle, á caça das esmolas, abor-

Mercurio Colloidal Néo-sorosol

Instituto Biotherapico de Bello Horizonte

Conselho technico: Drs. A. Godoy, A. Machado, Marques Lisboa e Carneiro Felipe

Director Gerente: — A. Libanio, Pharmaceutico Ismael Libanio

A illustrada classe medica tem no NEO-SOROSOL um novo producto mercurial que se recommenda particularmente por possuir vantagens reaes sobre todos os similares.

- O NEO-SOROSOL não contem analgesico e é absolutamente indolor;
- O NEO-SOROSOL é um composto de sulfureto de mercurio (S. Hg.) em estado colloidal de concentração até hoje não attingida e obtido por processo inteiramente original e patentado;
- O NEO-SOROSOL é um preparado cujo colloide se mantém absolutamente estavel, por isso nenhuma necessidade ha de agitar as ampolas;
- O NEO-SOROSOL não se altera tendo sempre em qualquer tempo o mesmo valor therapeutico;
- O NEO-SOROSOL é de prompta assimilação e não produz nodulos.
- O NEO-SOROSOL é 10 vezes mais rico em mercurio do que qualquer dos preparados colloidaes congenerees, nacionaes ou estrangeiros;
- Pela sua forte concentração, sob forma de finissima granulação ultramicroscopica, gosa o NEO-SOROSOL sulfio-mercurio de extraordinaria acção therapeutica no moderato tratamento da syphillis, em qualquer das suas manifestações.

Literatura e outras informações com os depositarios geraes para todo o Brasil

ISMAEL LIBANIO & COMPANHIA

Pharmacia Americana e Drogaria

Endereço telegraphico — LIBANIO

Rua da Bahia, 928 — Tel. 74 — Bello Horizonte — Minas
O NEO-SOROSOL é encontrado em todas as drogarias pharmacias e casas de cirurgia.

doado a um pão. Na casa triste só ficam a mulher e o pequerrucho que chora com fome porque a mãe magerrima pouco o amamenta. A pobre creatura passa o dia repartindo-se entre o fogão onde cozinha a magra pitança e a tina onde lava os farrapos.

Ao entardecer, regressa a familia convergindo de pontos differentes.

Reenem-se na sala, accoeram-se ao chão entretidos no exame da colheita.

E' o instante feliz.

O homem conta alegre setecentos réis em vintens azinhavraços; um dos pequenos exhibe a lata de restos de comida que ganhou e o outro mostra, victorioso, um capote sebepto.

Que maravilha!

Agrupam-se todos em roda deste ultimo examinando o thesouro. Abrem o capote, estiram as mangas, apalpam o forro, reviram os bolsos e concluem alegremente, aflorando na lá as faces doentias:

— Tão quatinho dormir embrulhado nelle! A miseria tem crises de alta e de baixa. Naquelle surge a fome, nesta um fluxo de esperanza. E para produzir destas marés boas basta um acaso qualquer: o caolho que vae passando e uma voz o detem: — Toma!

E' uma trouxa de roupas, enorme, que uns ricos lhe atiram. Esplendido presente! Esplendido? E' roupa de uma tuberculosa morta na vespera... Em vez de a queimar como quer o medico, dão-na ao pobre. Esperdiçar objectos

caros é um desgosto para a svinice de alguns delles, o pobre "está acostumado a tudo", no pobre "nada péga". E a riqueza do presente ainda lhes deixa a impressão de terem sido caridosos...

Que alegria vai pela "casa velha"!

Nunca viram roupa assim: fina, tão gostosa de vestir! E riem-se ridentes, com mil exclamações pasmadas.

Trocam a esteira rota pelo colchão fofo da finada e o lençol de rendas, que durante horas envolveu o seu cadáver, passa a agasalhar a eriancinha de peito.

Uma tarde, a família volta cedo, fugida á ameaça de temporal...

Que poeirada o vento levanta pelas ruas! E, de repente, o aguaceiro desaba estalando nas pedras das ruas. A água jorra em cordas, ronca nas sargetas, grulha, gorgoleja, escachoa. E não cessa.

— Parece fim de mundo! — murmura a mulher, encaramujada rente ao fogo. Conchega mais do peito escorrido o filhinho. Os maiores dormem pesadamente no extremo do quarto, abraçados, como de costume. O marido eschim' pachorrento. Cuspilha, com indiferença.

— Estas paredes velhas... — considera a mulher apprehensiva.

O homem ergue os olhos: corre-os pela casa e acalma a esposa com fatalismo:

— Qual! Por que havia de ser logo hoje!...

E, depois de um silêncio, observa:

— Como é gostoso vêr cair a chuva lá fóra quando a gente está agasalhado!

Mas a tempestade recrudence. Um clarão de relampago e logo o estrondo soturno, apavorante. O vento assobia pelas frestas, jogando macabramente as folhas de zinco mal pregadas.

— Mãe do céu! — implora a mulher.

O marido caçoa com o seu orgulhozinho de homem:

— Medrosa!
A chuva amaina, por fim, e o casal se accommoda na cama macia e adormece sorrindo...

Ai! pela madrugada o caolho desperta de sobresalto a um fragor de muro que rue.



AS SENHORAS E SENHORINHAS ELEGANTES, PARA CONSERVAREM A CABELLEIRA ABUNDANTE, VICIOSA E EVITAR OS PARASITAS, HOJE EM DIA TÃO COMMUNS, COM A FREQUENCIA FEMININA AOS CABELLEREIROS DEVEM UZAR SEMPRE O **CAPILLOTONICO**

INDICADO COM SEGURANCA CONTRA PELLADA, CALVICIE, CASPAS, QUEDA DO CABELLO E OUTRAS MOLESTIAS.

Capillotonico
DEPS. AMERICO SANTOS & C^{IA} RECIFE.

A' venda nas Drogarias, Pharmacias, Perfumarias, Armarinhos, Barbearias, etc.



E sente o rosto salpicado de terra. Assumpta estremunhado é uma parede que desabou, é o vento que remoinha por ali, é um estrondo maior: outro panuo de muro que desaba fragorosamente, e é o tecto agora que vem abaixo...

Atordado, apulpa-se. Está preso. Uma tilhoa o imprensa e uma telha lhe gela o rosto, uma ripa o fere. Estorce-se, sacode a cabeça, saca um braço... depois o outro. Consegue, afinal, desentulhar-se, e, ás cegas, caminha pela montoeira de destroços em procu-

ra da mulher e dos filhos. Grita por elles. Um gemido responde de sob a tranqueira. Orienta-se, inquire, remove páos, telhas, sarrafos e dá cont a pobre soterrada com o filhinho malferido no braço. — Os outros... lembra ella em voz suada. O homem atira-se á procura dos filhos. — Por aqui... Neste canto... Perto da janella... Meu Deus! Ai! Que horror! Embrulhados no velho capote, estão ainda quentes, abraçadinhos — mortos!

MURILLO TORRES

A PILHERIA

A Pilheria vai instituir um premio aos seus leitores. Um premio de festas de natal, a exemplo do que têm feito, as publicações dos centros mais adeantados.

Trata-se do offerecimento de um ou mais objectos no valor de 500\$000 a que o leitor se habilitará a escolher na conhecida Joalheria Krause, na rua 1.º de Março, nesta cidade, uma vez que a sorte o favoreça.

O mecanismo para tal fim é o mais simples possível.

Todos os sabbados até o dia 18 de dezembro A PILHERIA

O NATAL DA

"A PILHERIA"



publicará um coupon com os dizeres do concurso.

A apresentação de dez (10) destes coupons habilitará o possuidor a receber em nossa redacção um cartão impresso onde figurará uma centena que será sorteada na Loteria Federal do Natal, no seu primeiro premio.

Uma vez premiada a centena do felizardo este receberá o premio alludido o que não lhe será desagradavel, é claro, como lembrança de festas d'A PILHERIA.

Eis o coupon :

•••••
O PREMIO DE NATAL
D'A PILHERIA

•••••
Dez destes coupons darão direito ao sorteio de uma centena na Loteria Federal de Natal, 1.º sorteio).
•••••



A SYMPATHIA



convida ás exmas.
familias
para uma visita ao
seu atelier
de chapéos com
os mais
lindos modelos.

R. Livramento, 80

Phone, 634

Por LEONIDAS BARLETTA

Aquella manhã, Joaquina entrou com uma nova pensionista, a quem deram o leito numero quatorze. Era uma mocinha de regular estatura, delgada, pallida, de olhos grandes, escuros, cheios de lagrimas que se derramam nos corredores largos e frios dos hospitaes.

Quando Joaquina lhe disse que se despisse e deitasse, ella olhou para todos os lados com ar irresoluto e depois começou a tirar, lentamente, os sapatos, enquanto as lagrimas lhe cahiam sobre as mãos e rolavam para o mosaico escuro do chão.

Em seguida, deitou-se, poz o rosto entre as mãos e continuou a chorar soezadamente. Ficou assim muito tempo, até que sentiu que alguém a sacudia suavemente. Era Joaquina.

— E' hora de tomar o leite — disse-lhe.

— Sim — respondeu ella, docilmente.

Depois de beber a sorvos, com visivel má vontade, a sua face de leite, voltou a occultar o rosto entre as cobertas. Então, a numero doze saltou rapidamente de seu leito e, descalça, com o largo camisão que a cobria comiçamente até os pés, veio acariciar-lhe a cabeça, enquanto lhe dizia:

— Mas, creatura de Deus, a cousa não é para tanto! Bem vê que não está sósinha aqui.

A quatorze levantou seus olhos brilhantes, melancolicos, e disse, com muita calma:

— Tem razão...

Endireitou-se e passou um olhar de compaixão pela sala. Nesse momento, ouviu-se um gemido profundo, selvagem. A pobre menina estremeceu de angustia.

— Coitado! — murmurou, debilmente.

— Foi operada, hoje — informou-lhe a doze. Tem tres filhos.

— Pobre mulher — repetiu ella.

Algumas enfermas lhe dirigiram perguntas, de suas camas:

— Que tem?

— Vem recommendada?

— Vae ser operada?

E ella, pacientemente, a todas respondeu.

— Não se afflija! — gritou-lhe uma mulher grossa, de um extremo da sala. Ha cinco

A enferma do leito quatorze

mezes que estou aqui e já me acostumei.

Passou o porteiro fazendo soar os seus grossos sapatos, e a sala se encheu de gritos, ora supplicantes, ora imperativos, de maneira que seria impossivel attender a todas ao mesmo tempo.

— Rogelio! Rogelio!

— Meus papeis!

— Leva-me esta carta!

— E minhas revistas?

— Olha, Rogelio, compra-me um carretel de linha!

Rogelio, porém, cruzou imperterrito por entre a dupla fila de camas brancas que enchiam a sala.

— Havemos de nos queixar!

— Ah! meu Deus! Ninguém faz caso de nós!

Depois veio a noite. A escuridão penetra como um punhal nas carnes. E, no silencio, os gemidos angustiosos de alguma enferma que soffre. Um ai! inhumano, um alarido de selva e uma imprecação:

— Deus, oh Deus, por que não me ouves?!

E em seguida, em voz baixa:

— Meus pobres filhos!

A quatorze não poudo dormir. As enfermeiras desligavam silenciosamente, e seus

vestidos brancos eram uma nota pavorosa na obscuridade cheia de gemidos...

No dia seguinte, quando o medico fez sua visita á sala a nova enferma foi minuciosamente interrogada. O scientista quiz ver-lhe o corpo esqualido de adolescente, e, como ella vacilasse, confusa, elle proprio a descobriu, dizendo-lhe:

— Não te envergonhes, menina. E' preciso curar-te, de qualquer maneira...

A pobre mocinha fixou seus olhos ansiosos no rosto indifferente do doutor, e perguntou-lhe:

— E eu me curarei depressa, doutor?

— Quantos annos tens? — perguntou-lhe elle, por sua vez.

— Dezeséis.

— Mesmo, pois, que saias daqui nos vinte, ainda terá muito que viver.

Foi tudo o que disse. Depois, vieram outros medicos. Rodaram a sua cama e começaram a falar umas cousas difficéis sobre seu corpo desnudo. A's vezes, discutiam, e as suas vozes subiam de tom, e as enfermas voltavam, com ansiedade e temor, seus olhos dolorosos para esse grupo de homens de aventaes brancos.

Quando a sala recabiu na sua tranquillidade claustral, ella sentiu subir-lhe ao peito uma angustia enorme e os soluços lhe brotaram violentamente da garganta. Dona Rosario foi consolal-a com palavras simples e maternaes. E aquella mulher animosa que a ameigava beijando-lhe a fronte a doçura de uma amizade confortadora naquelles momentos, foi quem lhe fez desfructos de desalento.

Uma a uma, as enfermas eram conduzidas á sala de operações. Quando chegava a hora apresentava-se a chefe de enfermeiras e dizia, com voz insolente:

— Nove, vamos ver, está disposta? Depressa!

E a interpellada dizia, invariavelmente, com um sorriso forçado:

— A deus, companheiras! Quem sabe si nos tornaremos a ver?

— Ora, ora! — respondiam-lhe todas. E' uma operação facil.

Passava meia hora, tres quartos e nada. Durante esse



A PILHERIA

tempo, ninguém falava. Emfim, alguém dizia, sem obter resposta:

— Quem sabe si terá morrido! Ou, então:

— Como estará passando a pobre?

Em breve, entrava Joaquina e preparava a cama vazia, e ligeira se afastava, dizendo:

— Tragam-na.

E, após um instante, entrava a enferma, que era collocada na cama, sem almofadas. Joaquina ficava a seu lado para tomar-lhe o pulso até que ella despertasse.

Quando voltava a si, todas as enfermas se agrupavam em torno de sua cama, até que Joaquina dizia, com cansaço:

— Que quer dizer isso?

Os comentarios voavam de cama em cama. O terrivel era extender-se a enferma na esma de operações. Amarravam com correias as mãos, as pernas. Untavam o rosto com vaselina e, em seguida, de improviso, lhe applicavam o narcotico.

— Conte — gritava-lhe o medico

— Um, dois, tres... — dizia a enferma, que depois sen-

tia um amolecimento, como si toda a sua carne se insensibilizasse, e um ruido ensurdecedor lhe enchia a cabeça. Ainda ouvia a voz do medico, comp si cada vez fosse ficando mais longe até desaparecer por completo.

A quinta-feira era dia de visita. A primeira pessoa que entrou na sala foi um joven de traje claro, de frente despejada e ar confuso.

Olhou, uma por uma, todas as camas, e quando chegou a de numero quatorze, riu tristemente e para ella se precipitou.

Beijaram-se. A quatorze chorava. As outras enfermas olhavam com curiosidade o visitante.

Alguem disse:

— Há de ser um irmão.

E elle voltou a cabeça, triste, ansioso, tremulo, e percorreu a sala com o olhar.

A sala encheu-se de gente. Joaquina ia e vinha, repetindo o eterno estribilho:

— Só duas pessoas por cama.

Ninguem, no entanto obedecia.

Quando veiu a mãe da qua-

torze, as duas se puzeram a chorar.

Quero ir-me embora — dizia a pobresinha, e o rapazi-nho olhava detidamente o céu raso da sala.

— Quero ir-me — repetia ella.

E chorava.

Em breve, se serenaram. Falaram dos que haviam ficado em casa, dos que perguntavam por ella, e o rapaz se puzera a examinar a fita de seu chapéo, com uma insistencia desesperante. Perguntaram-lhe não sei que cousa, e não respondeu, e, de repente, quiz dizer alguma cousa, e as lagrimas lhe fluiram pelas faces barbeadas.

Chorava com a bocca contrahida, e ella o olhava tristemente.

Souo a campainha. Joaquina começou a gritar de um extremo:

— E' hora de sahir!

E batia as mãos.

Todos se despediram e foram se retirando. Tambem sahio a mãe da "quatorze". Ocultava os olhos num lenço, e o pranto lhe sacudia os hombros. Elle ficou indeciso.

ALERTINHA

é o novo typo de
cigarro que a

Fabrica Caxias

vem de lançar
no Recife com
todo successo.

— Não ahores — dizia-lhe. E' preciso ter paciência. Será cousa de uns dias.

Beijaram-se.

— Até domingo — disse elle

Ella não respondeu. Deram-se as mãos.

— Bem, é preciso não desanimar! E' preciso ter coragem.

— Ainda?! — gritou Joaquina. Não ouviu a campainha?

Elle se voltou e a beijou de novo.

— Até domingo — repetiu, lacrimoso. Tomou de seu chapéo, que havia deixado sobre a cama, e, quando chegou ao meio da sala, voltou sobre seus passos.

— Que queres? — perguntou a ella. Não me tinhas chamado?...

E não se decidia a retirar-se.

— Que faz ainda aqui? — gritou, de novo, Joaquina, furiosa. Não ouviu que já se annunciou a hora de sahida?...

Então, elle sahio. E já na porta se voltou para olhá-la ainda uma vez, e lhe fez adeus com a mão.

Novamente, a sala voltou a ficar silenciosa. Dona Rosario perguntou á nova enferma, de sua cama:

— Quem é esse rapaz?

E ella respondeu-lhe, timidamente:

— Meu noivo.

Agora, Dona Rosario ia ser operada.

Depois, era a vez da "quatorze". Quando chegou a vez da primeira, a doze se levantou de sua cama, e disse, como todas:

— Adeus, companheiras! Quem sabe si eu voltarei?

Estava pallida, bastante pallida e triste. Passou pela cama da quatorze, inclinou-se e beijou-lhe as faces.

— Adeus, amiguinha — disse-lhe, sorrindo.

— Tenha confiança — respondeu-lhe ella.

— Deus sabe se eu voltarei — concluiu a outra, movendo a cabeça com um gesto impreciso, e sahio. A quatorze pensava: "Agora, deve estar narcotizada; agora, hão de a estar cortando".

Mas, passou uma hora, passaram duas, e nada. Não traziam a doze.

E toda a sala se commovia



com a mesma vaga inquietude. Depois veiu Joaquina, arrastou a cama desfeita e levou os sapatos de dona Rosario.

— Joaquina — perguntou uma velhinha — que se passou?

E Joaquina respondeu, malhumorada, sem olhar:

— Vão levá-la para a outra sala.

E alguém explicou que se diziam assim das que haviam morrido.

*
Nessa noite, como na primeira, a quatorze não pode dormir. Pensava em Dona Rosario, em sua mãe, e naquella que era sua vida, a quem amava tanto. E si morresse? Uma angustia horrivel lhe torturava a garganta. Uma claridade lunar entrava pelas janelas, e o leito numero doze vazio, com os cobertores bran-

cos bem estirados, parecia um sepulchro de marmore.

O noivo da quatorze chamava-se Alberto. Eram vizinhos. Conheciam-se desde meninos. Um dia descobriram que já não eram meninos e deixaram de acariciar-se. Mas, quando elle lhe disse, emocionado:

— Thereza, eu queria dizer-lhe que a amo.

Ella lhe saltou ao pescoço e lhe supplicou com carinho:

— Por que não me acaricias como dantes?

E agora estava no hospital enferma. Deu meia volta para não ver a cama vazia da doze. Amanhecia. Alguem repetia, em voz baixa:

— Deus meu, pae generoso Deus!...

A's nove, veiu a "chefe". Vacillou um momento, deitou uma olhadella pela sala, e gritou:

— Vamos ver, quatorze! Coragem!

A quatorze sentiu enfraquecerem-se-lhe as pernas. E murmurou, de maneira que as outras a ouvissem:

— Alberto, meu Alberto...

Tremula, vacillante, avançou até o centro da sala. Depois voltou e disse com voz insegura:

— Agora, é a minha vez...

Não pode continuar, sorriu com amargura e sahio...

M. C.



ONEA

Recoloração
dos cabellos
pela

ONEA

Novo
producto
sem nitrato
de prata

DEPOSITARIOS:

Manuel & C.

R. B. da Victoria
N. 203

A MALDADE

Na lucta pela vida, a maldade será uma força?

Pelo contrario: a maneira mais facil de triumphar na existencia é a boa conducta para com os demais.

Devemos levantar-nos todos os dias do leito com o firme proposito de conquistar almas.

A maldade produz o vacuo em redor de nós: a desconfiança e a suspicacia são forças repulsivas. Em compensação, a sympathia faz de cada homem um collaborador, ou pelo menos, suprime nella toda a qualidade de obstaculos.

Quando estendemos a mão a um desconhecido, o nosso proposito deve ser este: fazer delle mais um amigo. As horas que passamos em sociedade devem dedicar-se especialmente a conquistar amigos.

Um sorriso, um franco aperto de mão, uma saudação affectuosa, um pequeno obsequio feito opportunamente, um cumprimento discreto, não seja jamais

uma adulação — eis aqui as mais efficazes redes para pescar almas sem esforço. O pescador de almas logra logo no seu exercicio uma destreza insuperavel.

Assim como os donjuões, quanto mais conquistam mais poder de seducção adquirem para continuar conquistando, assim os pescadores de almas, com cada pesca fructuosa, augmentam de um modo consideravel a sua sympathia, o seu "dom de gentes". E' que a funcção cria o orgão.

Vê-se pois, que mesmo pondo de lado a ética ha um espirito cordial, bondoso, hospitaleiro, é um elemento incontestavel na lucta pela vida. Seja dito isto para os utilitaristas.

Para os outros, para os que não consideram a ganancia como finalidade de toda a acção, para os seres excelsos que como Franklin; perguntam sempre, ao chegar a qual logar:

"Que bem posso eu fazer aqui?"; para os espiritos superiores que só aspiram,

a difundir-se, a derramar-se sobre o mundo, como o sol, em ondas de luz, que recompensa melhor que a propria delicia desta diffusão?

"Como deve praticar-se o bem?" — pergunta o divino Marco Aurelio. E responde:

"Ha quem, depois de haver servido a alguem, se apresse a apontar-lhe em rosto, esse favor. Outros não fazem isto; mas tem presente em sua memoria o serviço que prestaram, e fitam a quem o recebeu como a um devedor. Outros, finalmente, nem sequer pensam que favoreceram alguem. Isto é semelhante á vinha, que depois de sustentar os cachos nada mais pede, contentando-se em haver produzido o fructo que lhe é proprio. O cavallo que fez o seu caminho, o cã que foi á caça, a abelha que fabricou mel e o bemfeitor não fazem ruido, passam a executar outras acções da mesma natureza, como a vinha, que na nova estação dá novos cachos.

Amado Nervo

■ TORNEIO CHARADISTICO ■

TORNEIO DE NATAL

1.º Premio — Ao charadista que conseguir o maior numero de decifrações, uma assignatura annual desta revista.

2.º Premio — Ao charadista que conseguir um numero de decifrações immediatamente inferior, uma assignatura semestral desta revista.

3.º Premio — Ao charadista que por classificado em 3.º lugar uma assignatura semestral desta revista.

4.º Premio — Ao charadista que for classificado em 10.º lugar, um premio de consolação.

5.º Premio — Ao auctor ou auctora do melhor trabalho charadistico em verso, uma obra litteraria offerecida pelo chefe desta secção.

CHARADAS NOVISSIMAS

1) Além de vagabundo é estroina! 2-3.

Marcellino Netto.

2) O operario da California foi mais tarde um grande clinico italiano. 2-1.

Batelão.

ELECTRICA

3) Que ancia! Que afflicção! 3.

Marcellino Netto.

CASAL

4) Aquelle typo grossetro casouse com a vendedora de hortaliças. 3.

Batelão.

INSCRIPÇÃO

Durante esta semana ins-

creveu-se o charadista Marcellino Netto de quem recebemos trabalhos.

CORRESPONDENCIA

Marcellino Netto —
Aguardo novos trabalhos.

Raul Fátexa, Rosadalva, Reco-Reco, Leny Galhardo, Mineva, Lucrecia, Néo-Rosas, e todos os antigos colasas e todos os antigos colaboradores desta secção. —
Approximem-se.

Lise Fleuron — Nunca olvidarel o nome de tão distincta amiguinha. Aqui, como sempre, você terá o melhor acolhimento. De Bello Jardim, aguardo, ancioso, produções suas e do nosso collega Fausto Freire Netto.

BAATELÃO.

Contra factos não ha argumentos !!!

E' A

CAMISARIA ESPECIAL

que melhor sortimento tem
e mais barato vende

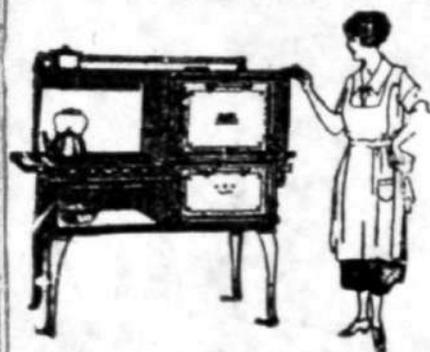
camisas, ceroulas, pyjamas,
collarinhos, gravatas, lenços,
meias e perfumarias, arti-
gos para viagem cama e
mesa.



Rua Duque de Caxias, 253 — Phone 526

GAZ CARBONICO

350 RS. POR M³!



ANTIGAMENTE 700 RS.,

Agora, metade do preço!

Este preço excepção-
nal é concedido para **Fogões á
Gaz** quando o consumo exceder
á 100.m³ mensal.

DEXAI-NOS COLLOCAR GRATUITAMENTE

Um Fogão á Gaz

E TRAZER FELICIDADE AO VOSSO LAR

SECÇÃO DO GAZ, P. T. & P. Co, Ltd., R. D'AURORA